

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PGLETRAS

GRAÇA REGINA BRAGA CAMPOS

**REVISÃO DE DISCURSOS SOBRE CABELOS CACHEADOS EM MÍDIAS
DIGITAIS: corpo e disciplina**

São Luís - MA

2019

GRAÇA REGINA BRAGA CAMPOS

**REVISÃO DE DISCURSOS SOBRE CABELOS CACHEADOS EM MÍDIAS
DIGITAIS: corpo e disciplina**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PGLetras da Universidade Federal do Maranhão como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica da Silva Cruz.

São Luís - MA

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Braga Campos, Graça Regina.

REVISÃO DE DISCURSOS SOBRE CABELOS CACHEADOS EM MÍDIAS
DIGITAIS : Corpo e Disciplina / Graça Regina Braga Campos.
- 2019.
107 f.

Orientador(a): Mônica da Silva Cruz.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2019.

1. Cabelos Cacheados. 2. Corpo. 3. Disciplina. 4.
Discurso. I. da Silva Cruz, Mônica. II. Título.

GRAÇA REGINA BRAGA CAMPOS

**REVISÃO DE DISCURSOS SOBRE CABELOS CACHEADOS EM MÍDIAS
DIGITAIS: corpo e disciplina**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PGLetras da Universidade Federal do Maranhão como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: 28/06/2019

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mônica da Silva Cruz. (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Profa. Dra. Maria José Nelo (Convidada Externa)
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Profa. Dra. Maria da Graça dos Santos Faria (Convidada Interna)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Profa. Dra. Ilza do Socorro Galvão Cutrim (Suplente)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida.

Aos meus pais, Arnaldo Balbino Campos e Magnólia Braga Campos (*In memoriam*), que me ensinaram os preceitos de honestidade e respeito ao próximo.

Aos meus avós, Antônio Penha de Campos (*In memoriam*) e Amália Jansen Campos (*In memoriam*), pelo amor e bons momentos de convivência.

Ao meu querido padrinho, José de Ribamar Rocha Braga (*In memoriam*), pelos incentivos aos estudos.

Ao meu querido tio e irmão, Ronald Jansen Campos, pelo amor e pelas orações por mim e por nossa família.

A minha Orientadora, Profa. Dra. Mônica da Silva Cruz, pelos ensinamentos, pela cordialidade, pela atenção e paciência a mim dispensada.

Aos meus professores do mestrado que estiveram sempre solícitos ao compartilhar seus conhecimentos.

Aos colegas de mestrado, pelo companheirismo e pelos momentos de convivência que possibilitaram ainda mais a ampliação de meus conhecimentos.

A “disciplina” não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos [...].

(Foucault)

RESUMO

Análise de discursos constituintes de anúncios publicitários relativos a cabelos cacheados que circulam em mídias digitais. O trabalho objetiva investigar regularidades discursivas em uma variedade de enunciados, com o propósito de fazer (re)aparecer formações de discursos de diferentes esferas. Para tanto, foram coletados, em sites de busca e em sites de anúncios, treze enúncios que veiculam esses cabelos. Com base no método arqueogenealógico, de Michel Foucault (2014), realizamos a descrição do objeto de pesquisa a partir da análise das concepções de História, Arqueologia e Genealogia, dos conceitos de Formação Discursiva, de Enunciado e de normas de disciplinamento do corpo. Nas concepções foucaultianas há o entendimento que os enunciados não irrompem de maneira casuística, pois eles dependem de uma rede de relações (sociais, políticas, históricas, econômicas etc.) para emergirem em um dado momento, em dada sociedade (FOUCAULT, 2014). Assim, a análise do objeto requereu uma pesquisa arqueológica, que possibilitou encontrar, na superfície linguística dos anúncios, discursos sobre o corpo afrodescendente. Além de Foucault (2014), teórico base desta pesquisa, pautamo-nos em estudos de distintas áreas, como em pesquisas de Gomes (2006), Lopes (2011), Freyre (2006), Santos (2012), Quintão (2006), Braga (2015) e outros, em que pudemos constatar que o corpo pode ser ordenado em suas diferentes dimensões, entre elas, o cabelo. Os resultados mostraram que existem regularidades de discursos nesses anúncios que, ora exaltam, ora inferiorizam os cabelos do afrodescendente, acionando memórias já cristalizadas sobre a população negra em nossa sociedade. Assim, vários sentidos emergem nessas discursividades que propõem “melhorar” esteticamente a aparência dos cabelos afros, em especial dos cabelos da mulher afrodescendente. Entre as regularidades, destacamos a de um discurso disciplinador, determinante de uma verdade, que tenta, nas formas mais sutis possíveis, controlar ou moldar os corpos dos indivíduos.

Palavras-chave: Discurso. Corpo. Cabelos Cacheados. Disciplina.

ABSTRACT

Analysis of constituent discourses of advertisements related to curly hair that circulate in digital media. The work aims to investigate discursive regularities in a variety of statements, with the purpose of making (re) appear formations of discourses from different spheres. For that, thirteen advertisements that convey these hairs were collected in search sites and in advertisement sites. Based on Michel Foucault 's archaeogeneal method (2014), we describe the research object based on the analysis of the concepts of History, Archeology and Genealogy, the concepts of Discursive Formation, Statement and rules of body discipline. In the Foucaultian conceptions there is the understanding that the statements do not break out in a casuistic way, for they depend on a network of relations (social, political, historical, economic, etc.) to emerge at a given moment in a given society (FOUCAULT, 2014). Thus, the analysis of the object required an archaeological research, which made it possible to find, on the linguistic surface of the ads, discourses on the Afrodescendant body. In addition to Foucault (2014), the theoretical basis of this research, we focus on studies of different areas, such as researches by Gomes (2006), Lopes (2011), Freyre (2006), Santos (2012), Quintão Braga (2015) and others, in which we could verify that the body can be ordered in its different dimensions, among them, the hair. The results showed that there are regularities of speeches in these announcements that, at times exalted, sometimes lower the hair of the afrodescendant, triggering memories already crystallized on the black population in our society. Thus, several senses emerge in these discourses that propose to aesthetically "improve" the appearance of the Afro hair, especially the hair of the afrodescendant woman. Among the regularities, we emphasize that of a disciplinary discourse, determinant of a truth, which attempts, in the most subtle forms possible, to control or shape the bodies of individuals.

Keywords: Discourse. Body. Curly hair. Discipline.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE ANÁLISE DO DISCURSO FOUCAULTIANA.....	15
2.1 A História e o Método Arqueogenealógico	15
2.2 Formação Discursiva e Enunciado	24
2.3 O corpo como objeto de inscrição de poder e vontade de verdade.....	30
3 CORPO E CABELO COMO ELEMENTOS HISTÓRICOS DE (RE)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES	37
3.1 O cabelo como símbolo de pertencimento social	37
3.2 Alguns saberes sobre o corpo negro e a formação do discurso da “boa aparência”	41
3.3 Processos de manipulação dos cabelos da mulher afro-brasileira: do liso aos cachos	55
4 MÍDIA, SUJEITO E ENUNCIADOS SOBRE CABELOS CACHEADOS	60
4.1 Mídia e construção do sujeito	61
4.2 Movimentos de mulheres negras, mídias e construção de identidades da mulher afrodescendente.....	65
4.3 Enunciados sobre cabelos cacheados	73
4.4 Descrição arqueogenealógica dos enunciados sobre cabelos cacheados	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS.....	104

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quando sua opinião for creme, você me dá.	75
Figura 2 - Indisciplinados, volumosos e com frizz.	78
Figura 3 – Cachos definidos e sem frizz.	80
Figura 4 - Definição e controle.	81
Figura 5 - Cachos definidos e controlados.	82
Figura 6 - Cachos brilhosos e sedosos.	83
Figura 7 - Cachos sem nós.	84
Figura 8 - Cabelos embaraçados.	87
Figura 9 - Cachos definidos.....	88
Figura 10 - Cachos “comportados” e definidos.....	89
Figura 11 - Cacheados “secos”, “danificados” e “rebeldes”.....	91
Figura 12 - Cachos disciplinados e definidos.	92
Figura 13 - Cachos perfeitos.	95

1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa surgiu do interesse em analisar discursos publicitários, ainda na graduação, a partir de estudos semânticos sobre implícitos discursivos em textos veiculados na mídia, quando participamos de um projeto de iniciação científica do Programa BIC/FAPEMA, na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

Durante a pesquisa, observávamos que muitos textos trabalhavam aspectos discursivos da linguagem para despertar o desejo das pessoas em adquirir produtos que garantissem o corpo perfeito, o cabelo perfeito, a vida perfeita. A partir daí, pudemos perceber que tudo o que é dito pode conduzir, influenciar e direcionar as atitudes dos indivíduos. Constatamos que, associado a um poder institucional, nenhum discurso pode ser despretenhoso. No caso das publicidades que analisávamos, notávamos que esse poder era exercido, em grande parte, pelos discursos que a mídia veiculava em benefício das indústrias de produtos para beleza, principalmente os de vestuário e cosméticos.

Em um primeiro momento, analisamos publicidades de mercadorias em geral, mas percebíamos que os produtos de moda, como roupas, sapatos, e cosméticos, eram os que mais faziam promessas de uma estética ideal para as mulheres.

Sabemos que ser bela e admirada está no imaginário da maioria das mulheres e, muito provavelmente, porque na sociedade em que vivemos a beleza tenha se tornado passaporte para uma posição de destaque e de aceitação, em várias áreas. Nesse contexto, ouvimos, certa vez, a afirmação: “o cabelo é o cartão de visita da imagem de uma pessoa”, enunciado que direcionou, então, nosso olhar para as propagandas de produtos capilares, em especial aqueles destinados a mulheres afrodescendentes¹. Assim, foi definido nosso objeto de estudo para esta dissertação.

Vale ressaltar que esse olhar para os discursos sobre cabelos cacheados² foi também motivado por experiências pessoais, em um período

¹ Conforme Ferreira (2009, p. 50), afrodescendente é uma categoria que pode incluir tanto as pessoas consideradas negras como as consideradas mestiças.

² Cabelos com ondas de tamanho mediano.

em que havia uma grande dificuldade de encontrarmos produtos que facilitassem o manuseio dos cabelos cacheados, tanto para resolver o “problema” dos fios embaraçados, quanto para amenizar o desconforto em relação aos questionamentos das pessoas em volta, que sempre perguntavam: “Por que você não alisa esse cabelo? Tá muito cheio”; “E essa juba? Tá parecendo uma leoa”.

Entretanto, vimos surgir, em diferentes mídias, a promoção dos cabelos com cachos, bem como a divulgação de imagens de modelos usando determinados produtos que deixavam as ondas mais brilhosas e sedosas. Nesse contexto, os questionamentos mudaram para: “Por que tu não usas o cabelo solto? Tão na moda os cachos! ”; “Olha, a atriz fulana de tal está usando os cabelos naturais!”. Aqueles que ainda não haviam se acostumado com o volume dos cabelos cacheados sugeriam cremes que ajudavam a eliminar o *frizz*, expressão usada para definir os cabelos arrepiados.

Assim, percebíamos que as falas dessas pessoas tinham relação com os enunciados que promoviam os cabelos cacheados, e isso reforçou nosso interesse em investigar como o discurso é capaz de conduzir o comportamento das pessoas, influenciando-as no seu jeito de ser e, conseqüentemente, projetando-as para novas identidades.

Sob esse contexto, consultamos autores como Santos (2002), Gomes (2006), Lopes (2011), Pinsky & Pedro (2013) e Braga (2015) e observamos que, historicamente, os discursos interferem nas escolhas em relação a uma padronização do modo de se vestir, de falar, de se comportar, e até mesmo na forma de usar os cabelos. Por isso, passamos a buscar compreender como discursos veiculados em mídias digitais, especificamente aqueles produzidos em publicidades de cosméticos, modificam a forma como mulheres afrodescendentes utilizam os cabelos.

Observamos que esses discursos eclodem, no Brasil, em um momento em que mulheres afrodescendentes buscam por identidades que possam marcar seus distintos lugares no contexto social desse país. Essa busca pode ser identificada, por exemplo, em muitos movimentos sociais que despontaram nos últimos 30 anos, os quais têm em sua pauta a luta por igualdade de direitos, além de outros pleitos, como a aceitação da aparência.

Na efervescência desses movimentos, o corpo da mulher negra e/ou afrodescendente se tornou objeto de discursos e seus cabelos passaram a ser assunto de diferentes esferas da sociedade. Surgem, dessa maneira, muitos enunciados de promoção de cabelos cacheados, entre os quais podemos citar: “Faça com seu cabelo o que você bem entender, você tem esse direito”, “Valorize seus cachos”, “Nasci linda, ou melhor, linda e cacheada”, “Você não precisa ter cachos de revista. Você pode ter cachos como os seus!”.

Alinhado a esses enunciados de incentivo ao uso do cabelo naturalmente cacheado, percebemos a recorrência de um discurso que age no sentido de modelar a naturalidade desse tipo de cabelo. Assim, passamos a observar que, em práticas discursivas relativas ao cabelo crespo, especialmente no que diz respeito a enunciados de produtos cosméticos, existe um disciplinamento discursivo que determina a aparência dos fios.

Com base no entendimento de que “os enunciados não irrompem de maneira casuística”; que eles dependem de uma rede de relações sociais, políticas, históricas, econômicas etc. para emergirem em um dado momento, em dada sociedade (FOUCAULT, 2014), a problemática desta investigação consistiu, então, em compreender: como ocorre o entrelaçamento entre discursos do presente e do passado em enunciados relativos a cabelos cacheados, considerando que todo discurso é atravessado por outras dizes, outras formações de discursos?

Partindo dessa questão, esta dissertação tem por objetivo geral investigar regularidades discursivas em uma variedade de enunciados, cujo propósito é fazer (re)aparecer formações de discursos de outras esferas.

Entre os objetivos específicos, buscamos: a) apresentar os conceitos da análise do discurso de matiz foucaultiana que subsidiaram a análise do objeto da dissertação; b) fazer uma arqueogenealogia de discursos sobre o corpo negro, sobre a manipulação dos cabelos e da estética exigida para a mulher afrodescendente no Brasil; c) discutir o papel da mídia como veiculadora de práticas discursivas que determinam a aparência dos cabelos e analisar feixes de relações que permitem localizar e descrever regras de formação discursiva de enunciados sobre os cabelos cacheados em mídias digitais.

A fundamentação teórica deste estudo se pautou nos princípios da Análise do Discurso de vertente francesa (AD), em especial aqueles mobilizados na terceira fase dessa escola, na qual são perceptíveis as filiações teóricas de Michel Foucault. Vale ressaltar que, dentre os conceitos abordados por Foucault, o de História receberam maior atenção nesta dissertação, devido às contribuições desse saber na aplicação do método arqueogenealógico, e também às fortes influências históricas que atravessam o objeto de análise deste trabalho.

Na perspectiva do estudo arqueogenealógico foucaultiano, abordamos também a concepção de Formação Discursiva e de Enunciado, e a ideia de Sujeito, pois, para Foucault (2014), é no aspecto da historicidade e da formação de discursos que o sujeito é construído. Com base nas concepções foucaultianas, discutimos ainda questões relativas ao corpo como objeto de inscrição de poder, e sobre a vontade de verdade que age no controle do corpo negro e a formação de identidades.

No que tange às discussões sobre os processos de manipulação dos cabelos da mulher afrodescendente, mobilizamos estudos de autores que contribuíram com o arcabouço genealógico desta dissertação, pois forneceram informações sobre as formas de uso dos cabelos do negro ao longo da história.

Também acionamos estudos sobre o papel da Mídia em sua relação com aspectos do discurso, em que retomamos as questões relativas à formação do sujeito. Assim, buscamos noções sobre a formação de identidades em Stuart Hall (2014), que entende que cada indivíduo se projeta nas identidades culturais existentes.

A partir desses estudos, analisamos e descrevemos uma série de enunciados³ sobre cabelos cacheados veiculados em mídias digitais, que classificamos como anúncios. Ademais, tentamos demonstrar como alguns valores são propostos para as mulheres afrodescendentes e como as verdades dominantes, construídas historicamente, estão inseridas em discursos propagados na mídia.

³ Conforme Voss & Navarro (2013, p. 99), as séries enunciativas, na concepção foucaultiana, podem ser comparadas com partes de um filme, que ao se juntarem fazem parecer uma unidade, mas que cabe ao analista restituir a singularidade de cada enunciado.

Vale ressaltar que os cabelos da mulher negra afrodescendente têm sido objeto de pesquisa de alguns estudiosos. Gomes (2006), por exemplo, investigou em salões da cidade de Belo Horizonte de que maneira o negro se vê e é visto pelo outro. Ele afirma que “para esse sujeito, o cabelo não deixa de ser uma forte marca identitária e, em algumas situações, continua sendo visto como marca de inferioridade” (GOMES, 2006, p. 41).

Figueiredo (2016), por seu turno, realizou um mapeamento das representações do cabelo do negro no imaginário de moradores do bairro Pompeia, localizado na cidade de Salvador, no estado da Bahia, para compreender de que maneira “os mecanismos individuais contidos na utilização do cabelo podem servir para a afirmação ou manipulação da negritude”, assim como analisar de que modo a manipulação dos cabelos pode facilitar a inserção dos indivíduos no mercado de trabalho e em outros espaços sociais.

Já Reis (2006) pesquisou a construção de estereótipos negativos associados aos fenótipos negros, sugerindo uma problematização sobre o cabelo crespo. Para tanto, a pesquisadora levantou discussões acerca da “relação entre cabelo crespo, consumo e identidade na perspectiva de mulheres afrodescendentes”, clientes de um determinado salão de beleza.

Tais pesquisas se assemelham tanto na abordagem temática quanto na metodologia utilizada, pois consistem em levantamento etnográfico, por meio de entrevistas de sujeitos investigados. Diferentemente das pesquisas mencionadas, esta dissertação tem como objeto de estudo um grupo de enunciados sobre cabelos cacheados, coletados em mídias digitais. Neste caso, pretendemos contribuir com estudos da Análise do Discurso, em um viés de investigação das relações entre discurso e práticas sociais.

Portanto, elegemos para a efetivação desta dissertação o método arqueogenealógico de análise de discurso, postulado por Michel Foucault (2014), pois esse método possibilitou a análise e descrição do discurso-objeto, sua relação estreita com a história e as formações discursivas que suscitaram as regras de aparecimento dos enunciados sobre cabelos cacheados. Assim, a escolha do método decorreu da viabilidade de realização de uma “escavação” de discursos construtores da imagem do corpo negro, e posteriormente da imagem dos cabelos da mulher afrodescendente brasileira. Foi possível

relacionar métodos históricos de manipulação dos cabelos com discussões sobre disciplinamento do corpo. Para tanto, recortamos da história alguns acontecimentos que possibilitaram atribuir significado aos enunciados de promoção dos cabelos cacheados.

Como campo de estudo, foram selecionados na internet (modalidade de mídia digital) dois espaços de publicidade comercial e um espaço de busca que veiculam discursos sobre os cabelos cacheados. Vale ressaltar que, por questões de privacidade, preferimos omitir todas as marcas dos produtos ofertados e nos detemos apenas aos enunciados que os acompanham.

Para o pleno desenvolvimento deste estudo, dividimos a dissertação em quatro capítulos, sendo este o primeiro. No segundo, reportamo-nos aos conceitos fundamentais de análise do discurso foucaultiana, a partir da abordagem sobre as relações entre a Arqueologia do Saber, a Genealogia e a História. No mesmo capítulo, discorremos sobre Formação Discursiva, Enunciado, Sujeito e a concepção de corpo como objeto de inscrição de poder e vontade de verdade.

No terceiro capítulo, discutimos acerca da construção de saberes sobre o corpo negro, a formação do discurso da “boa aparência” e processos de manipulação dos cabelos da mulher afrodescendente, para compreendermos como essa mulher tem agido diante das exigências de um padrão de cabelo.

No quarto capítulo, reportamo-nos ao funcionamento discursivo da mídia e sua contribuição para a formação do sujeito. Buscamos entender como o discurso da publicidade age para levar esse sujeito a utilizar os produtos comercializados para, então, fazermos as análises de enunciados coletados.

Nas considerações finais deste estudo, retomamos ao objetivo geral da dissertação e apresentamos as respostas ao problema que suscitou o interesse em revisar o discurso-objeto.

É importante frisar que não temos a pretensão de encerrar as discussões sobre o tema com este trabalho, primeiro porque nenhuma pesquisa pode ser considerada estanque, pois as práticas sociais estão sempre se reconstruindo e formando novos discursos. Segundo, porque ainda serão necessárias muitas discussões para desconstruir a imagem negativa atribuída ao afrodescendente ao longo da história.

2 ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE ANÁLISE DO DISCURSO FOUCAULTIANA

Neste capítulo, apresentamos os conceitos mais fundamentais que deram subsídios para as análises do objeto desta dissertação. Os estudos foram realizados com base na terceira fase da Análise de Discurso francesa (AD), momento em que entra com mais evidência no cenário desse campo do saber o conceito de Nova História. Portanto, destacamos a concepção dessa História e sua importância para as análises arqueogenealógicas de discursos propostas por Michel Foucault.

Abordamos as concepções de Formação Discursiva e de Enunciado, e apresentamos hipóteses discutidas por Foucault (2014) para a identificação da formação de discursos que compõem um enunciado. Nessa categoria de análise estão incluídas também as concepções de sujeito em Foucault, que subsidiaram, no capítulo seguinte, as relações entre mídia e a construção de identidades do sujeito.

Destacamos, também, neste capítulo a concepção foucaultiana de corpo com suas formas de adestramento e disciplinamento. Apresentamos discussões sobre a inscrição do corpo como objeto de poder e a vontade de verdade instalada nos discursos, em que debatemos como um discurso é constituído por uma verdade que determina a beleza ou a feiura do indivíduo.

2.1 A História e o Método Arqueogenealógico

A definição de História é um dos principais pontos que Foucault (2014) cita para explicar o método arqueogenealógico, em seu livro *A arqueologia do Saber*. Nesse livro, o autor expõe que a História não deve ser tratada como acontecimentos organizados linearmente em longos períodos, como aborda a História tradicional.

Essa forma de ver a História foi denominada de “Nova História” pelos grandes filósofos franceses do início do século XX, que muito se ocuparam em analisar documentos da História tradicional e, a partir daí, perceberem que

outros acontecimentos eram deixados à margem pelos historiadores. Nesse contexto, Gregolin (2004, p. 161) esclarece que:

O início do século XX, momento de grandes convulsões e rupturas com o passado, exigia um novo olhar sobre a história que permitisse captar a heterogeneidade das ações humanas no jogo histórico, e, para essa empresa, era necessário dotar o fazer historiográfico de novos instrumentos, abrindo para a interdisciplinaridade.

Assim, o conceito de “Nova História” surge na França, mas é uma concepção herdada do Alemão Friedrich Nietzsche, pois, segundo Gregolin (2004, p. 163) é com base nos pensamentos de Nietzsche que Foucault vai propor uma história genealógica, a fim de problematizar o passado, desvelando suas camadas arqueológicas. Essa autora informa ainda que:

Foucault retoma da filosofia nietzscheana os conceitos de “genealogia” e “interpretação” e, a partir deles, desenvolve a ideia de “diagnóstico do presente”, questionando a tradição iluminista dos estudos históricos. Na base dessa sua concepção de História está a problematização da noção de tempo, que ele aproxima, a partir de Nietzsche, da ideia de “devir”: o tempo é constituído por relação de força em permanente mudança e essa oscilação permite um relativo equilíbrio entre lembrar e esquecer no interior de um jogo entre a forma homem com as forças do tempo. (GREGOLIN, 2004, p. 163)

Portanto, para Foucault (2014), o objeto da pesquisa histórica é estabelecer, a partir de determinados documentos de uma época, certo número de relações. É a partir da identificação dessas relações, que o autor entende como internas e externas, que podem ser estabelecidas regularidades discursivas entre uma série documental.

Por isso, Foucault (2014) faz críticas à maneira de se registrar o tempo a partir de uma unidade linear dos acontecimentos, pois, conforme Santos & Romualdo (2017, p. 283), no entender foucaultiano a história não deve ser concebida como uma duração, mas sim como uma multiplicidade de tempos “que se emaranham e se envolvem uns nos outros”.

Nessa concepção, Foucault (2014) sugere que o historiador não deva analisar um documento apenas com o intuito de interpretá-lo, de encaixá-lo numa sequência de acontecimentos, mas de identificar se há relações com outros textos. Em seu ponto de vista, uma história tradicional sempre teve a função de atender aos interesses capitalistas, atribuindo à tarefa de manter e

tornar viva a unidade nacional, de tornar vivo um determinado sistema de poder, por isso, entendemos que os registros da História tradicional são parciais e atendem aos interesses de determinados grupos sociais.

Outra modalidade de História que Foucault (2014) vai opor à história do ponto de vista arqueogenealógico ele denominou de História das Ideias, uma disciplina que se ocupa em determinar os começos e os fins dos acontecimentos; ocupa-se em descrever as continuidades obscuras e os retornos. Diferente da história das ideias, a arqueologia não pretende retornar à origem de um discurso, mas sim descrevê-lo sistematicamente para encontrar sua relação com outros.

Portanto, é a partir do novo olhar sobre a história que Foucault constrói seu método arqueológico de análise do discurso e, logo em seguida, complementa-o com o método genealógico. A “arqueologia não procura encontrar a transição contínua e insensível que liga, em declive suave, os discursos ao que os precede, envolve ou segue” (FOUCAULT, 2014, p. 170).

De acordo com Foucault (2014), o método de descrição arqueológica dirige suas análises para as práticas discursivas. Assim, a arqueologia se ocupa em descrever regularidades de uma prática comum, por todos os seus enunciados sucessores, ou por alguns de seus predecessores. Essas regularidades se caracterizam por um conjunto de enunciados que obedecem às mesmas regras de formação discursiva. Dessa maneira, o método arqueológico permite a análise do jogo de regras que possibilita a formação do discurso-objeto. Para Foucault, “as regras jamais se apresentam nas formulações; atravessam-nas e constituem para elas um espaço de coexistência” (FOUCAULT, 2014, p. 176). Esse autor destaca também que:

[...] certos grupos de enunciados empregam essas regras em sua forma mais geral e mais largamente aplicável; a partir deles, podemos ver como outros objetos, outros conceitos, outras modalidades enunciativas, ou outras escolhas estratégicas, podem ser formados a partir de regras menos gerais e cujo domínio de aplicação é mais específico [...]. (FOUCAULT, 2014, p. 176)

Para facilitar o entendimento sobre o método, Foucault (2014) faz uma analogia entre a descrição de uma árvore e a descrição de enunciados, pois, da mesma forma que os membros dessa planta podem ser analisados e

descritos parte a parte – a partir da observação da espessura do caule, dos ramos que surgem, da estrutura das folhas, e de todos os seus componentes –, o discurso deve ser analisado e descrito a partir da análise de conceitos que possibilitem descrever o enunciado, e esses conceitos seriam a ramificação dessa árvore. O filósofo francês explica ainda que a arqueologia pode constituir a árvore de derivação de um discurso, e:

[...] ela colocará junto à raiz, como enunciados reitores, os que se referem à definição das estruturas observáveis e do campo de objetos possíveis, os que prescrevem as formas de descrição e os códigos perceptivos de que ele pode servir-se, os que fazem aparecerem as possibilidades mais gerais de caracterização e abrem, assim, todo um domínio de conceitos a ser construído. (FOUCAULT, 2014, p. 18)

Foucault (2014) também nos faz entender que, naquilo que se refere à formação discursiva, no curso de suas ramificações, o método arqueológico possibilita descobertas que podem implicar em transformações conceituais, em uma nova definição de história e de corpo, por exemplo. Também podem estabelecer inserções emergenciais de noções inéditas, ou seja, outros conceitos cujo estudo seja necessário para auxiliar a análise do objeto-discursivo, e, em atualizações de técnicas, que podem mudar de acordo com a exigência do objeto estudado, dependendo do que este vai revelar.

Em complemento ao método arqueológico de análise do discurso, Foucault (2015) propõe o estudo genealógico do objeto discursivo, buscando ressaltar o papel das relações de poder nesse âmbito. Sobre a importância do papel da genealogia no estudo da história, Foucault (2015, p. 55), em um capítulo da obra *Microfísica do Poder*, afirma que a Genealogia “trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos”.

Entendemos que essa assertiva é uma referência aos discursos que estão por aí sobrepostos, ditos de várias outras formas, em situações distintas, mas que pertencem à mesma formação discursiva. Por isso, Foucault (2015, p. 55) assevera que é indispensável ao genealogista marcar a singularidade dos acontecimentos; “apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos”.

Nesse sentido, buscamos estabelecer relações entre a história do afrodescendente no Brasil e os enunciados sobre cabelos cacheados, não para demarcar origens de discursos, mas para demarcar relações entre o discurso do passado com enunciados do presente. Por isso, pautamo-nos na perspectiva de que o “genealogista necessita da história para conjurar a quimera da origem” (FOUCAULT, 2015, p. 61), para identificar, assim, as heterogeneidades dos discursos e não apenas um discurso uníssono, como pretende a História tradicional. Foucault (2015, p. 61) sugere também que:

É preciso saber reconhecer os acontecimentos da história, seus abalos, suas surpresas, as vacilantes vitórias, as derrotas mal digeridas, que dão conta dos atavismos e das hereditariedades [...]. A história, com suas intensidades, seus desfalecimentos, seus furores secretos, suas grandes agitações febris como suas síncope, é o próprio corpo do devir [...].

Na perspectiva de Nova História, podemos estudar o tronco de uma raça, por exemplo, por meio do que Foucault (2015, p. 62) chama de proveniência, em que é possível determinar o pertencimento de um indivíduo a um grupo de sangue ou de tradição. Com base nesse contexto, o historiador das ideias destaca que:

A proveniência permite também reencontrar, sob o aspecto único de um caráter ou de um conceito, a proliferação dos acontecimentos através dos quais (graças aos quais, contra os quais) eles se formaram. A genealogia não pretende recuar no tempo para restabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento; sua tarefa não é demonstrar que o passado ainda está lá, bem vivo no presente, animando-o ainda em segredo, depois de ter imposto a todos os obstáculos do percurso uma forma delineada desde o início. [...] manter o que se passou na dispersão que lhe é própria: é demarcar os acidentes, os ínfimos desvios – ou, ao contrário, as inversões completas –, os erros, as falhas na apreciação, os maus cálculos que deram nascimento ao que existe e tem valor para nós; é descobrir que na raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos – não existem a verdade e o ser [...]. (FOUCAULT, 2015, p. 62-63)

Assim, a genealogia possibilitou, a esta dissertação, compreender a construção do discurso sobre a aparência dos afrodescendentes e estabelecer relações com discursos atuais. Nisto que, na concepção foucaultiana, a genealogia está no ponto de articulação do corpo com a história. Para Foucault (2015), a genealogia deve apresentar o corpo completamente marcado de

história e a história arruinando o corpo. Correio (2014, p. 110) confirma essa teoria afirmando que:

Foucault optou por fazer genealogias no início da década de 1970 como uma forma de escapar da unicidade da narrativa histórica tradicional e de sua eterna busca pela origem, bem como do desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teologias que a animavam. Ou seja, uma análise que buscasse trazer à tona não aquilo que somos, pensamos e fazemos, mas a contingência daquilo que produziu o que somos, pensamos e fazemos.

Nessa concepção de História, Foucault (2014, p. 154) constrói a noção de Arquivo e *A priori* histórico, afirmando que a percepção de regularidades discursivas é garantida pela positividade. Portanto, conforme Gregolin (2004), a positividade é o que permite mostrar como enunciados retomam o mesmo assunto a partir do *A priori*. Esse estudioso explica ainda que:

[...] Toda a massa de textos que pertencem a uma mesma formação discursiva comunica-se pela forma de positividade de seus discursos, pois ela desenvolve um campo em que podem ser estabelecidas identidades formais, continuidades temáticas, translações de conceitos, jogos polêmicos. Assim, para Foucault, “a positividade desempenha o papel do que se poderia chamar um *a priori histórico* [...]”. (GREGOLIN, 2004, p. 91)

Compreendemos, portanto, que o *a priori* histórico, por meio da positividade, permite ao enunciado a sua condição de existência, pela retomada de outros discursos. Nesse âmbito, Foucault (2014, p. 155) explica que não se trata do reencontro com fatos que garantiriam a verdade de uma assertiva, mas das condições de emergência de enunciados, a lei de sua coexistência com outros. Foucault (2014, p. 155) afirma também que o *a priori*:

[...] deve dar conta dos enunciados em sua dispersão, em todas as falhas abertas por sua não coerência, em sua superposição e substituição recíproca, em sua simultaneidade que não pode ser unificada e em sua sucessão que não é dedutível; em suma, tem de dar conta do fato de que o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, e uma história específica que não o reconduz às leis de um devir estranho [...].

Diante dessas afirmações, observamos que a história proposta por Foucault (2014) é formada por uma multiplicação de rupturas, em que um

acontecimento é regido por normas de aparição, regras do que pode ser dito ou não. Essas regras do que dizer ou do que não dizer são inscritas no *a priori*.

Portanto, a importância em se fazer uma retomada histórica de práticas discursivas e não discursivas, que por muito tempo inferiorizaram a aparência do afrodescendente, é reforçada com a possibilidade que a genealogia nos fornece em “restabelecer os diversos sistemas de submissão: não a potência antecipadora de um sentido, mas o jogo casual das dominações” (FOUCAULT, 2015, p. 66).

Foi possível observar também que a história proposta por Foucault (2015), a partir de um olhar genealógico, possibilita ao analista demarcar momentos de forças e fraquezas em que discursos de verdade se alternam. Assim, observamos que discurso de verdade sobre o corpo da mulher afrodescendente brasileira passou por diferentes formas de controle, entre elas as formas de usar os cabelos. Momentos em que ora se valoriza o cabelo liso, ora os cabelos crespos, como no movimento Black Power, ou ainda os cabelos ondulados, como nos anos 80, até no momento atual, em que são legitimados os cabelos cacheados.

Nesse sentido, compreendemos a afirmação de Foucault (2015) em relação ao corpo, ao afirmar que este não escapa das malhas da história. Ele afirma também que “nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo.” (FOUCAULT, 2015, p. 72) e, ainda, que:

[...] não é uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e outra que faz sua entrada mascarada. As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma determinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta. Elas não se manifestam como formas sucessivas de uma intenção primordial; como também não tem o aspecto de um resultado. Elas aparecem sempre na álea singular do acontecimento [...].

Como exemplo de relações de forças, descobrimos, a partir do estudo genealógico, que a escravidão no Brasil foi um acontecimento que gerou um embate entre brancos e negros, sobressaindo-se, por muitas razões históricas, o poder do primeiro sobre o segundo. Além da captura e do encarceramento do negro, o homem branco europeu, para reforçar esse poder, estabeleceu que a

cor da pele e a textura dos cabelos dos afrodescendentes são aspectos característicos de feiura. Sobre essa problemática, Gomes (2006) afirma que os discursos sobre a cor e os cabelos do indivíduo negro ainda geram muitos conflitos, e esses discursos conflitantes também fazem com que identidades desse indivíduo oscilem de tempos em tempos, a partir do momento em que se aceita ou rejeita o discurso de poder.

Foucault (2015) entende que o genealogista, ao tratar da história de um acontecimento, “coloca em cena um grande carnaval do tempo em que as máscaras reaparecem incessantemente”. Entendemos esse fato como uma referência às oscilações de discursos, assim como de identidade que atravessam os sujeitos. Foucault completa dizendo que o genealogista em “vez de identificar nossa pálida individualidade às identidades marcadamente reais do passado, trata-se de nos irrealizar em várias identidades reaparecidas” (FOUCAULT, 2015, p. 82-83), e que “a genealogia é a história de um carnaval organizado”. Portanto:

[...] a história não descobrirá uma identidade esquecida, sempre pronta para renascer, mas um sistema complexo de elementos múltiplos, distintos, e que nenhum poder da síntese domina: [...]. A história, genealogicamente dirigida, não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade, mas ao contrário, se obstinar em dissipá-la; ela não pretende demarcar o território único de onde viemos [...]; ela pretende fazer aparecer todas as descontinuidades que nos atravessam. (FOUCAULT, 2015, p. 82-83)

Assim, foi possível compreender as relações entre a história, a arqueologia e a genealogia foucaultiana. O estudo da história funciona como um método auxiliar do estudo arqueogenealógico, ou vice-versa. Nesse aspecto, Foucault (2014) propõe não buscar as origens dos discursos, mas momentos de interpelação de outros dizeres em um único enunciado. Portanto, a história busca fragmentos de formações discursivas que compõem um enunciado e marca o ponto de encontro entre presente e passado.

A história concebida por Foucault é construída a partir de práticas sociais que geram discursos e um discurso, uma vez gerado, pode aparecer aqui ou ali, em uma dispersão, dependendo do acontecimento que propiciou sua aparição.

Sob o ponto de vista da dispersão, observamos que Foucault (2014) insere em seus estudos alguns princípios importantes para a análise de discurso, dentre eles o da descontinuidade, pois, para o estudioso, “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram e se excluem”. Isso significa que, em dada época, pode existir um discurso que preconiza o uso de cabelos naturalmente cacheados e, concomitantemente a esse discurso, existirão discursos que suscitam o uso do cabelo artificialmente liso.

Segundo Gregolin (2004), Foucault propõe que o discurso deve ser analisado a partir dos princípios de inversão, em que é preciso ver “o jogo negativo de um recorte e de uma rarefação do discurso”. Foucault (2014, p. 49) afirma que o princípio da inversão se insere “lá onde, segundo a tradição, cremos reconhecer a fonte dos discursos, o princípio de sua expansão e de sua continuidade”. Desse modo, a partir do princípio da descontinuidade, a presente dissertação não buscou a origem dos discursos sobre cabelos cacheados, mas sim as relações que os possibilitaram vir à tona, em dado momento, verificando as conexões desses discursos com práticas historicamente difundidas.

Outro princípio sugerido por Foucault (2014) é o da especificidade, em que o discurso não pode ser concebido como um “jogo de significações prévias”, que, no entendimento de Gregolin (2004, p. 187), “deve ser entendido como uma prática, em que os acontecimentos discursivos encontram o princípio de sua regularidade”. Nessa perspectiva, buscamos regularidades discursivas nas exigências de um padrão para os cachos em enunciados propagados na mídia digital.

Somam-se a esses princípios o da “exterioridade e da não evidência do sentido, da não transparência do dizer”. Para Gregolin (2004, p. 187), no princípio da exterioridade não se deve buscar no discurso um “núcleo interior escondido”, mas analisar as condições externas que possibilitaram sua aparição. Pelo princípio da não evidência do sentido, a autora afirma que “nem tudo é sempre dito, pois o dizer tem de submeter-se à “ordem do discurso”, aos dispositivos que regulam, em certa época e em certa sociedade, os saberes e os poderes”.

A partir dessas concepções, entendemos que considerar a influência de fatores históricos na construção de enunciados, a partir de uma perspectiva de Foucault (2014), é estudar suas condições de possibilidades históricas; mostrar o jogo das regras; investigar quem enuncia; ter a noção de que o sujeito é atravessado por outros dizeres; apontar regularidades que surgem em discursos dispersos e identificar as formações discursivas que os motivaram.

Assim, constatamos que outro conceito importante para a descrição de um enunciado é o de Formação Discursiva. Nas explicações sobre a Formação Discursiva, Foucault (2014) insere suas concepções de Enunciado e Sujeito, haja vista que para ele todo enunciado é atravessado por outros discursos, em que os sujeitos estão representados.

2.2 Formação Discursiva e Enunciado

Em sua obra *Arqueologia do Saber*, Foucault (2014) apresenta o que ele entende por Formação Discursiva. A proposta foucaultiana não é determinar um conceito, mas explicar como é construída a formação de discursos que atravessa outros discursos, estabelecendo uma regularidade entre eles.

A primeira hipótese, Foucault (2014, p. 39) considera a mais verossímil e mais fácil de ser provada; é aquela em que “os enunciados, diferentes em sua forma, dispersos no tempo, formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto”. Para esclarecer melhor, ele oferece como exemplo o tratamento da loucura, afirmando que todos os enunciados pertinentes a esse tema podem ser ditos de diferentes maneiras, mas fazem parte da mesma formação de discursos que tratam da psicopatia. Com base nessas análises, Foucault (2014) vai explicando como os discursos vão se formando e possibilitando a criação de enunciados referentes ao mesmo tema.

Entretanto, o professor também alerta que um conjunto de enunciados pode estar relacionado com mais de um objeto, por isso, não podemos correr o risco de dar-lhe conceitos definitivos e acreditar que fizemos uma descrição que não permita mais acréscimos. Por isso, ao tratarmos do tema cabelo,

tivemos a necessidade de investigar o conceito de corpo e como os poderes e saberes se instalam sobre ele.

Na segunda hipótese, entendemos que a formação discursiva pode ser identificada por meio das relações de discursos entre enunciados, sua forma e seu tipo de encadeamento. Tomando como exemplo as práticas da medicina do século XIX, Foucault (2014, p. 41) afirma que o saber médico:

[...] não se constituía mais de um conjunto de tradições, de observações, de receitas heterogêneas, mas sim de um *corpus* de conhecimentos que supunha uma mesma visão das coisas, um mesmo esquadrinhamento do campo perceptivo, uma mesma análise do fato patológico segundo o espaço visível do corpo, um mesmo sistema de transcrição do que se percebe no que se diz (mesmo vocabulário, mesmo jogo de metáforas) [...].

Notamos que, nessa hipótese, Foucault (2014) contesta o modo de descrição de enunciados por meio de um sistema de codificação e normatização da enunciação, pois esse método não daria conta das dispersões e das heterogeneidades discursivas. Para uma análise mais coerente, o filósofo sugere que:

Seria preciso caracterizar e individualizar a coexistência desses enunciados dispersos e heterogêneos; o sistema que rege sua repartição, como se apoiam uns nos outros, a maneira pela qual se supõem ou se excluem, a transformação que sofrem, o jogo de seu revezamento, de sua posição e de sua substituição. (FOUCAULT, 2014, p. 42)

Na terceira hipótese, Foucault (2014) defende que, na busca por conceitos, na análise de enunciados, é importante analisar o jogo de seus aparecimentos e de sua dispersão. Nesse caso, é a formação discursiva que vai possibilitar ao analista apontar a qual formação discursiva os enunciados pertencem. É uma tarefa considerada complexa, por isso, para enveredar por um emaranhado de conceitos que podem aparecer durante as análises, é importante delimitar os enunciados, para não nos perdermos durante a trajetória de estudo.

Na quarta hipótese, Foucault (2014) esclarece melhor como os enunciados podem ser analisados, de forma que um mesmo objeto possa ser estudado sobre perspectivas diferentes, em que a mesma temática pode se

articular a partir de conceitos distintos, a partir da concepção de dois ou mais pontos de vista. Por isso, ele diz que estaríamos errados em procurar na existência dos temas uma individualidade. Então, questiona o seguinte:

[...] Não seriam as diferentes possibilidades que ele abre no sentido de reanimar temas já existentes, de suscitar estratégias opostas, de dar lugar a interesses inconciliáveis, de permitir, com um jogo de conceitos determinados, desenhar papéis diferentes? Mais do que buscar a permanência dos temas, das imagens e das opiniões através do tempo, mais do que retrair a dialética de seus conflitos para individualizar conjuntos enunciativos, não poderíamos demarcar a dispersão dos pontos de escolha e definir, antes de qualquer opção, de qualquer preferência temática, um campo de possibilidades estratégicas? (FOUCAULT, 2014, p. 44)

Nessa hipótese, Foucault (2014) entende que um mesmo tema pode aparecer em diferentes enunciadores, e que cada um pode descrever o objeto a partir de diferentes conceitos, daí a ideia de descrever, de apontar as dispersões. Inferimos, assim, que essa hipótese pode explicar o fato de como o discurso dos cabelos cacheados surge em diferentes perspectivas, haja vista que, em determinados anúncios, as formas onduladas dos cabelos ora são concebidas como cacheados, ora são denominados de crespos, apontando em um conjunto de enunciados que tratam do mesmo objeto (cabelo ondulado) diferentes enunciadores. O mestre esclarece ainda que:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão [...]. (FOUCAULT, 2014, p. 47)

Diante dessas quatro hipóteses, Foucault (2014) defende que, ao analisarmos um conjunto de enunciados, em que se busca a dispersão e uma regularidade de sentido entre eles, é necessário analisar a formação discursiva que os constituem. Com base nesse aspecto, Gregolin completa afirmando que:

[...] descrever um conjunto de enunciados no que ele tem de singular, paradoxalmente, é descrever a dispersão desses sentidos,

detectando uma regularidade, uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações, posições, funcionamentos, transformações. [...]. (GREGOLIN, 2004, p. 91)

Nessa mesma linha de pensamento sobre a formação discursiva, Foucault (2014) busca estabelecer um conceito para o Enunciado, ao considerá-lo uma unidade de discurso. A noção de enunciado de que trata Michel Foucault é aquela que o distingue de uma frase, pois enunciado, para ele, não é sintagma, nem regra de construção; também não é regra canônica de sucessão e de permutação.

Ainda na concepção do filósofo supramencionado, “o que é posto pelo enunciado não é apenas o que é dito, mas aquilo de que fala, ‘seu tema’” (FOUCAULT, 2014, p. 108). Portanto, é preciso conhecer o “referente” de um enunciado, seu correlato, para definir se uma frase é ou não um enunciado. O correlato é definido pelo autor como um conjunto de domínios em que determinados objetos podem aparecer e quais relações com outros podem ser assinaladas. Nesse sentido, compreendemos que o enunciado sobre cabelo pode ser analisado a partir do domínio do saber sobre o corpo.

O enunciado não pode ser analisado como uma série de signos, visto que ele não é gramatical, apesar de possuir elementos linguísticos como seus constituintes. Foucault (2014) esclarece que se, em uma formulação idêntica, aparecem as mesmas palavras, os mesmos nomes, ou seja, a mesma frase, isso não significa que estamos diante de um mesmo enunciado, pois o que configura um enunciado é o que este enuncia. Segundo Gregolin (2004, p. 89):

[...] Foucault mostra que o que torna uma frase, uma proposição ou um ato de fala um enunciado é justamente a função enunciativa: o fato de ele ser produzido por um sujeito em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado.

Foucault (2014) esclarece também que na diferença entre frases e enunciado está o conceito de sujeito. O sujeito do enunciado não se reduz ao sujeito gramatical da frase, pois não é encontrado no sintagma linguístico. O sujeito do enunciado, para Foucault (2014, p. 114), é:

[...] a oposição absolutamente neutra, indiferente ao tempo, ao espaço, às circunstâncias, idêntica em qualquer sistema linguístico,

em qualquer código de escrita ou de simbolização, e que pode ser ocupada por qualquer indivíduo, para afirmar tal proposição.

Compreendemos, assim, que o sujeito para Foucault (2014) é determinado pela posição que ocupa em uma dada formulação. Por esse princípio, um mesmo indivíduo pode exercer vários papéis em discursos que abordam o mesmo tema. Na elaboração desta dissertação pudemos perceber que um dado sujeito pode se posicionar de diferentes formas em relação ao uso dos cabelos, pois ora se mostra a favor, ora contra os padrões exigidos. Entendemos também que o sujeito do enunciado foucaultiano partilha discursos que reconhece como verdadeiro, e que essa partilha é garantida por um sistema de doutrinas.

Para Foucault (2014, p. 41), “a doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam”. A doutrina liga os indivíduos a determinados tipos de enunciação, proibindo, conseqüentemente, todos os outros. Nesse contexto, o sujeito não é construtor do próprio dizer, ele apenas segue as regras doutrinárias construídas por um discurso de poder.

Contudo, Gregolin (2004, p. 136), por seu turno, afirma que Foucault não considera os sujeitos como indivíduos autômatos que aceitam passivamente todas as determinações do poder, apesar das técnicas de disciplinamento do corpo, por ele abordadas. Sob esse aspecto, percebemos que a não passividade dos sujeitos dos enunciados sobre cabelos cacheados puderam ser observadas quando o discurso já não defende a forma totalmente lisa dos fios. Assim, foi possível perceber uma transição do padrão totalmente liso para um padrão dos cachos.

Outro fator importante que define um enunciado é sua materialidade. Compreendemos que a materialidade de um enunciado está na sua repetição, não necessariamente com as mesmas palavras, mas pela retomada de seus sentidos, pois, conforme Foucault (2014), essa repetição está na ordem da instituição, de um discurso maior, formado pela sobreposição de outros enunciados. Nesse caso, a materialidade estabelece uma identidade ao enunciado, pois obedece a regras de utilização, ele repete aquilo que os outros enunciados lhe permitiram repetir.

Ademais, Foucault (2014, p. 128) defende que o enunciado “circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade”. Nessa dimensão, os enunciados sobre cabelos cacheados devem ser avaliados considerando as regras de circulação que lhes subjazem.

Na relação entre Enunciado e Formação Discursiva, entendemos que esta estabelece as leis que permitem a aparição de discursos. Portanto, é a Formação Discursiva que fornece as particularidades de existência dos enunciados. Assim, mesmo que um determinado tema apareça aqui e ali, em uma dispersão de discurso, a repetição, a que Michel Foucault chama de regularidades, é o que vai permitir a identificação da formação discursiva a que cada enunciado pertence.

Diante dessas considerações, Foucault (2014) oferece uma definição mais esclarecedora para o que ele entende sobre discurso, e o concebe como um conjunto de enunciados que se apoia em uma mesma formação discursiva. Todavia, Foucault (2014) afirma, também, que o discurso não é uma unidade retórica, indefinidamente repetível, em que se poderia assinalar na história sua utilização e seu uso. Inclusive, defende que o discurso é:

[...] constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo. (FOUCAULT, 2014, p. 143)

Nessa perspectiva, sustentamos a ideia de que enunciados sobre cabelos cacheados, que aparecem em diferentes espaços da mídia digital, possuem correlações com o passado e que são retomados de um momento da História do Brasil, em que se determina a beleza, no quesito cor da pele e aparência dos cabelos e se estabelece como padrão a imagem do europeu branco e loiro. Portanto, foram essas correlações que nos permitiram identificar formações discursivas que atravessam os enunciados coletados.

2.3 O corpo como objeto de inscrição de poder e vontade de verdade

A história mostra que a construção do belo, em matéria de corpo, sempre foi modelada por poderes e saberes que ditam o que é considerado feio ou bonito, em diferentes épocas e sociedade. Assim, compreendemos por que, em dado momento, um padrão de beleza corporal é eleito como referência e, em seguida, como outro conceito entra em cena para ressignificar o que é considerado belo.

Na perspectiva das práticas discursivas, vale ressaltar que o estudo sobre o corpo também faz parte das análises foucaultianas. Foucault (2015) explica como o poder se instala no corpo e como alguns saberes direcionam a forma como essa superfície pode ser observada. Ele concebe que o corpo, por diferentes razões, aos poucos, se constituiu em espaço de inscrição de poderes. E, as principais instituições detentoras de poder citadas por esse autor, na obra *Vigiar e Punir*, são da esfera militar, com sua exigência disciplinar de postura, e da esfera médica, com o discurso que determina o que é saudável e o que não é.

Nessa obra, Foucault (1999) demonstra como o poder se inscreve nos corpos, a partir de exemplos de disciplinamento dos soldados europeus, no início do século XVIII. Esse tipo de poder, que nascia gradativamente, foi chamado por ele de “poder disciplinar”; um poder difuso, que se exerce sobre os corpos dos indivíduos, de forma sutil, normalmente, para transformá-los em força produtiva e aptos a obedecer às vontades das instituições sociais.

Foucault (1999) afirma que, no século XVII, o exército exigia dos soldados uma postura erétil, que simbolizasse o vigor, a coragem, as marcas de orgulho do homem militar, e que mais tarde esse modelo militar de disciplina serviria de parâmetro para o adestramento corporal em várias esferas sociais.

Esse disciplinamento tentou transformar o corpo do soldado em uma espécie de “máquina humana”; em um material fabricado em série, em que se corrigia aos poucos a postura. De acordo com Foucault (1999), estabelecia-se lentamente uma coerção calculada, que percorria cada parte do corpo, assenhorava-se dele, dobrava-lhe o conjunto, tornava-o perpetuamente disponível, e se prolongava, em silêncio, no automatismo dos hábitos.

Portanto, a partir desse período, o corpo é descoberto como um objeto de poder, que deveria ser modelado, manipulado e subserviente. Para Foucault (1999, p. 118), é “dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Esse poder de manipulação vai ser promovido pelas técnicas da disciplina.

Além dos exercícios de alinhamento postural, uma das técnicas que facilitavam o disciplinamento do corpo social consistia na separação dos indivíduos em espaços específicos. Então, com base no modelo do exército, o corpo passa a ser moldado também nas escolas, nos reformatórios, nos conventos, nas igrejas, nas fábricas e até nos hospitais. Nesses espaços, os indivíduos eram separados pela conduta, pelas habilidades (ou falta destas), pelo vigor físico, pela condição financeira, enfim, por tudo aquilo que pudesse diferenciar um grupo de outro e assim classificá-los e adestrá-los. Sobre essas estratégias, Foucault (1999, p. 123) afirma que:

[...] importa estabelecer as presenças e ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos [...].

A distribuição dos indivíduos em espaços institucionalizados facilitaria, então, o processo de coerção, manipulação e disciplinamento. O corpo, nesse período, era disciplinado a partir de ordens e normas explicitamente estabelecidas por aquelas instituições e, partir daí, foram criados outros sistemas de coerção e coação. Michel Foucault também entende que:

[...] a coação é assegurada por meio de materiais, mas sobretudo por uma regra que se tem que aprender a respeitar e é garantida por uma vigilância e punições. Mais que manter os condenados “a sete chaves como uma fera em sua jaula”, deve-se associá-los aos outros, fazê-los participar em comum de exercícios úteis, obrigá-los em comum a bons hábitos, prevenindo o contágio moral por uma vigilância ativa, e mantendo o recolhimento pela regra do silêncio. (FOUCAULT, 1999, p. 200)

Com base nessas concepções, é possível compreender a forma de disciplinarização dos sujeitos do período estudado, e que o método de coerção era diferente do método atual. Hoje, a coerção pode abranger todas as esferas

sociais, todos os espaços institucionais, e devem ser asseguradas para que os indivíduos respeitem, sigam as normas estabelecidas, para que não fujam do controle.

Portanto, da era clássica à modernidade, percebemos maior dispersão dos espaços disciplinares de controle sobre o corpo, pois, a vigília se amplia para vários setores sociais, além dos já citados. Dessa forma, são estabelecidas ações disciplinares promovidas pelo que Foucault (2015) denomina de micropoderes. Nesse aspecto, a disciplina passa a ser conduzida de maneira mais sutil, menos explícita, determinada por práticas sociais que se enraízam e permitem que o adestramento seja imperceptível aos olhos do adestrado. Sobre poderes e micropoderes, o filósofo define que:

É um conjunto extremamente complexo sobre o qual somos obrigados a perguntar como ele pode ser tão sutil em sua distribuição, em seus mecanismos, em seus controles recíprocos, em seus ajustamentos, se não há quem tenha pensado o conjunto. É um mosaico muito complicado. Em certos períodos aparecem agentes de ligação(...). Tomemos o exemplo da filantropia no início do século XIX: pessoas que vêm se ocupar da vida dos outros, de sua saúde, da alimentação, da moradia.... Mais tarde, dessa função confusa saíam personagens, instituições, saberes [...]. (FOUCAULT, 2015, p. 243)

Então, concomitante ao disciplinamento da postura erétil, do corpo forte e austero, herdado do exército; do disciplinamento físico e intelectual, imposto pelas escolas; do corpo moral e ético, exigido pela religião e pela justiça, surgem na sociedade, a partir dos micropoderes, discursos gerados por grupos menores, de vertentes múltiplas. Conforme Foucault (2014, p. 8-9):

[...] em toda sociedade a produção de discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório [...].

Na contemporaneidade, é possível observar formas de disciplinamento agindo em várias frentes, tanto em termos de saúde quanto em termos de estética corporal. Nesse último caso, há micropoderes que determinam normas disciplinares corporais a partir de detalhes sobre a vestimenta, do uso de adereços, da dieta para a alimentação, de exercícios físicos, do uso de cosméticos, e, dentre estes últimos, a estética dos cabelos.

Esse disciplinamento dos corpos tem eficácia muitas vezes mais acentuada que outras formas de poder, porque ele é acionado por meio de práticas discursivas e não discursivas que se espalham em todos os espaços sociais, de forma discreta, sem reprimir os sujeitos explicitamente. É por meio do discurso que a coerção controla o corpo.

Portanto, existem várias formas de coerção, que podem controlar o que o sujeito pode ou não dizer, ou como pode ou não ser, e dentre as formas de coerção existe a exclusão. Os procedimentos de exclusão, Foucault (2014, p. 9) denomina de interdição. Nesse sentido, os procedimentos de exclusão também podem determinar como deve ser a aparência dos cabelos, ao estabelecer um alinhamento para os fios, pois iremos perceber no *corpus* desta pesquisa que o discurso que delibera esse alinhamento é o mesmo que interdita os fios desalinhados.

Para exemplificar como ocorrem os processos de exclusão, Michel Foucault usa como referência a construção do saber sobre o que é e o que não é normal, e aquele que não é considerado normal é visto como louco, e “o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros” (FOUCAULT, 2014, p. 10). A interdição do louco caracteriza o segundo procedimento de exclusão do indivíduo e sua reclusão, até que reestabeleça a “razão”, ou seja, até que seu discurso seja condizente com o que foi estabelecido como normal. Nessa perspectiva, compreendemos que a mulher que não segue os padrões de beleza estabelecidos para os cabelos pode ser excluída de determinado grupo que considera feio os cabelos crespos ou cacheados, até que seja convencida a mudar a estrutura dos fios.

O terceiro procedimento de exclusão diz respeito ao que é verdadeiro. Nesse aspecto, Foucault (2014) vai tratar da vontade de verdade que cada discurso apresenta, pois, a verdade, para o autor, é algo construído; a verdade é histórica. De mais a mais, ele entende que a vontade de verdade se apoia em um suporte institucional e, ao mesmo tempo, é “reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas” (FOUCAULT, 2014, p. 17-18), ou seja, o saber é construído e sustentado por uma vontade de verdade. Sobre esse aspecto, declara:

Penso na maneira como a literatura ocidental teve de buscar apoio, durante séculos, no natural, no verossímil, na sinceridade, na ciência também – em suma, no discurso verdadeiro. Penso, igualmente, na maneira como as práticas econômicas, codificadas como preceitos ou receitas, eventualmente como moral, procuraram, desde o século XVI, fundamentar-se, racionalizar-se e justificar-se a partir de uma teoria das riquezas de produção; penso ainda na maneira como um conjunto tão prescritivo quanto ao sistema penal procurou seus suportes ou sua justificação, primeiro, é certo, em uma teoria do direito, depois, a partir do século XIX, em um saber sociológico, psicológico, médico, psiquiátrico [...].(FOUCAULT, 2014, p. 17-18)

A partir desses princípios, construímos o entendimento sobre como o poder que se instala no corpo, por meio de práticas discursivas que garantem a sua manutenção, que determina a maneira que um indivíduo deve se portar e/ou que aparência deve ter. Foucault (2014, p. 9) afirma que “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder”.

Assim, a partir de suas hipóteses, o autor de “Vigiar e Punir” constata que a exclusão e a interdição se configuram na construção de uma verdade, que não é absoluta, pois a verdade existe para o sujeito consoante os regimes de verdade com os quais se identifica ou é levado a se identificar. Assim, ele afirma que em todo discurso existe uma *vontade de verdade* e, dessa forma, a oposição entre o verdadeiro e o falso é considerada por ele como um dos sistemas de exclusão.

O filósofo nos explica, ainda, como os discursos de verdade foram sendo construídos a partir de discursos formulados por grupo de intelectuais, pelos detentores do conhecimento, por isso, essa vontade de verdade passou a ter relação com o saber. Assim, informa que no século VI:

[...] o discurso verdadeiro – no sentido forte e valorizado do termo -, pelo qual se tinha respeito e terror, aquele ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido; era o discurso que pronunciava a justiça e atribuía a cada qual sua parte; era o discurso que, profetizando o futuro, não somente anunciava o que ia se passar, mas contribuía para sua realização, provocava a adesão dos homens e se tramava assim com o destino [...]. (FOUCAULT, 2014, p. 14)

Compreendemos que mudanças entre o que é verdadeiro ou falso ocorrem porque as práticas sociais mudam, a forma de enxergar o mundo muda, e mudam, portanto, os discursos e suas vontades de verdade. Foucault

(2014, p. 15) conclui que a “vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional, tende a exercer sobre outros discursos uma espécie de pressão e como que um poder de coerção”, pois cada instituição estabelece seu discurso de verdade, seja a instituição médica, a pedagógica, a sociológica, ou qualquer outra detentora de poder e saber. Ainda consoante Foucault (2014, p. 17), a vontade de verdade é reconduzida, “mais profundamente, sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído”.

Foucault (2014, p. 19) considera que a vontade de verdade funciona como uma “prodigiosa maquinaria destinada a excluir” os discursos que não são formulados por ela. A verdade estabelecida não permite que outros discursos sejam aceitos, a maquinaria tem a tarefa de interditar o discurso “falso”. Dessa forma, compreendemos como são formados discursos que padronizam a estética dos cabelos, determinando o que é belo e ao mesmo tempo estabelecendo o que deve ser considerado feio. Foucault (2015, p. 52) afirma também que:

[...]. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças às múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade; isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Diante disso, notamos a influência do discurso de verdade na construção do sujeito, pois, conforme Foucault (2015), o sujeito se constrói discursivamente. Nesse ponto, Gregolin (2004, p. 96) entende que “em um domínio em que o sujeito, sendo necessariamente situado e dependente, não pode jamais ser considerado titular do próprio dizer”. Por outro lado, esclarece também o seguinte:

[...] Foucault não enxerga os indivíduos como autômatos que aceitam passivamente todas as determinações do poder. O que ele quer enfatizar é que a sociedade procurou um ajustamento cada vez mais controlado – cada vez mais racional e econômico – entre as atividades produtivas, as redes de comunicação e o jogo das relações

de poder. Se só houvesse a escravização, a submissão e a passividade, seria o *fim da História*. (GREGOLIN, 2004, p. 136)

Nesse sentido, entendemos que se o sujeito fosse totalmente submisso não haveria a mutação dos discursos, e dentro de uma rede discursiva que impõe um disciplinamento do corpo e uma verdade, surgem resistências que contestam o discurso disciplinar, essa verdade, e daí começam a surgir outras verdades. Gregolin frisa também que:

[...] para Foucault, o fato de haver uma “disciplinarização”, de ter sido necessário desenvolver mecanismos de controle e de vigilância contínuos demonstra que os sujeitos lutam. Dessa luta deriva, como consequência, o fato de que nenhum poder é absoluto ou permanente; ele é, pelo contrário, transitório e circular, o que permite a aparição das fissuras onde é possível a substituição da docilidade pela meta contínua e infindável da libertação dos corpos [...]. (GREGOLIN, 2004, p. 136)

A partir desses pressupostos, entendemos que a disciplinarização dos corpos sempre foi apoiada em um discurso de “verdade” construído ao longo do tempo, a partir de práticas sociais, e que mudanças na concepção de belo instituem outras formas de disciplinar o corpo, que por sua vez ensejam a aparição de outras verdades. Nesse contexto, veremos, em alguns acontecimentos históricos, como discursos impuseram verdades sobre normas de padronização de beleza e determinaram a construção de identidades para a mulher afrodescendente brasileira.

3 CORPO E CABELO COMO ELEMENTOS HISTÓRICOS DE (RE)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Neste capítulo, destacamos algumas práticas de manipulação dos cabelos, que, durante muito tempo, definiram o lugar social da mulher, seu status e pertencimento étnico. Para tanto, investigamos na história, formas de apresentação e significação dos cabelos, e, nesse âmbito, o discurso de construção do que é feiura e beleza, em uma relação entre indivíduos brancos e negros.

Partimos de informações sobre técnicas de manipulação dos cabelos, que obedecem às regras de um grupo dominante, o homem branco, o qual coloca o cabelo liso como parâmetro de beleza e o cabelo do afrodescendente na posição de feiura e sujeira, até chegarmos ao discurso sobre cabelos cacheados, que também não deixa de estabelecer padrões para uso dos cachos.

Na análise, destacamos relações entre as técnicas de disciplina do corpo e algumas estratégias de disciplinamento dos cabelos, em que as normas são determinadas por discursos veiculados em mídias e pela indústria de cosméticos que conduzem a forma de usar ou não usar os cabelos.

Consideramos que os recortes históricos feitos neste capítulo vão ao encontro das concepções de Foucault (2014) sobre a história como ruptura, como acontecimento que irrompe descontinuamente, e sua relação com formação discursiva de enunciados. Para Foucault (2014), o discurso é histórico, é fragmento de história; é a unidade e descontinuidade na própria história.

3.1 O cabelo como símbolo de pertencimento social

Na visão foucaultiana, as práticas sociais de uma época resultam de discursos eivados de poderes, que se dispersam e constituem o sujeito, em todos os níveis da sua existência, inclusive em seus corpos. Nessa direção, Gomes (2006) também afirma que o corpo pode ser ordenado em suas diferentes dimensões, entre elas, o cabelo. Portanto, as práticas sociais

(discursivas e não discursivas⁴) que definem o que é um cabelo bonito não escapam desse movimento.

Algumas pesquisas demonstram que a manipulação do cabelo como forma de disciplinamento do corpo é bastante antiga. Para Gomes (2006), manter o cabelo em “ordem”, por exemplo, era uma maneira de disciplinamento corporal, um pouco diferente, claro, das normas de disciplinamento aplicadas aos soldados franceses entre os séculos XVII e XVIII, que exigem perfeição do corpo físico, e do disciplinamento de encarcerados do mesmo período, imposto por meio de castigos físicos. Foucault (1999) entende que o disciplinamento dos corpos nem sempre acontece por meio de violência, mas por meio de um discurso, de um “saber” sobre o corpo.

Realizando uma pesquisa genealógica, descobrimos em estudos de Quintão (2013) que os primeiros registros sobre a manipulação dos cabelos são encontrados na história da sociedade do Antigo Egito, assim como na sociedade judaica e muçulmana. Os antigos egípcios já apresentavam preocupação com a aparência dos fios: para exibir beleza, usavam tranças, perucas e realizavam técnicas de tingimento, pois, os cabelos, para eles, eram um símbolo de poder, ostentação e boa aparência.

Para os judaicos e muçulmanos, o cabelo simbolizava a sedução feminina, por isso, uma tentação aos olhos masculinos (QUINTÃO, 2013). As mulheres desses povos primavam pelos fios longos. Quanto maiores, mais atraentes eram consideradas. Contudo, por questões religiosas, elas os mantinham cobertos; cabia apenas ao marido o direito de olhá-los e tocá-los.

Na África, entre os séculos XV e XVI, o cabelo funcionava como um condutor de mensagens e em parte das culturas africanas o estilo de cabelo indicava a origem geográfica dos indivíduos, assim como sua idade, religião, estado civil, identidade étnica, a condição financeira, e, conseqüentemente, sua posição social. Por meio do estilo de penteado, o africano, homem ou mulher, tentava atrair o sexo oposto. O estilo também era sinal de um ritual religioso, em que os africanos expressavam suas crenças. Conforme Gomes (2006, p. 351):

⁴ Conforme Zetetiké (2009), práticas não discursivas para Foucault “dizem respeito a condições sociais, econômicas, históricas e políticas, dentre outras”, que podem contribuir com o surgimento das práticas discursivas.

O significado social do cabelo era uma riqueza para o africano. Dessa forma, os aspectos estéticos assumiam lugar de importância na vida cultural nas diferentes etnias. Várias comunidades da África Ocidental admiravam a mulher de cabeça delicada com cabelos anelados e grossos. Esse padrão estético demonstrava força, poder e multiplicação, prosperidade e a possibilidade de parir crianças saudáveis.

Constatamos que os preceitos religiosos eram bem marcantes no estilo de cabelo usado por grupos africanos. Gomes (2006) constata que, no contexto africano, o cabelo, ao ocupar a posição mais alta do corpo, é o elemento que está mais próximo do céu, por isso, ele possibilitava a comunicação com os deuses e com os espíritos.

Nos séculos XVII e XVIII, período em que a Europa começa a dominar as Américas e a trazer para cá seus costumes, o cabelo passa a ser concebido como item de moda, e seguir a moda, nessa época, já era uma prática dispendiosa. Por isso, a aparência dos cabelos da mulher também indicava a condição financeira do marido, de seu *status* de pertencimento social. Quanto mais brilhosos, sedosos e bem tratados os fios, maior era a condição econômica do senhor da casa. Quintão (2013) explica que o cabelo pertence tanto à esfera da vida privada, quanto da vida pública, já que é a sociedade que dita os estilos, os penteados, e a estrutura dos fios, cabendo aos indivíduos segui-las, caso queiram ascender socialmente.

Nesse sentido, Quintão (2013) acentua que em decorrência do prestígio econômico e cultural, o cabelo liso e loiro do europeu branco se tornou parâmetro para uma estética “de valor”, de representação simbólica de poder, haja vista que a Europa foi responsável pelo domínio econômico mundial durante muitos séculos, e, consequentemente, pelo domínio cultural de povos.

Conforme Quintão (2013), nessa perspectiva de simbologia de poder do cabelo liso e loiro, o cabelo do negro afrodescendente torna-se característica física de valor negativo, por estar fora dos padrões de beleza estabelecidos pelo branco europeu, e, mais que isso, por ser um item fenotípico de uma raça considerada inferior, devido às condições de escravidão em que foi colocada. Nesse âmbito, os cabelos lisos do europeu tornam-se,

então, objeto de desejo também de afrodescendentes, que viviam nas colônias europeias, em especial das mulheres.

No período colonial, no Brasil, segundo Quintão (2013), o desejo em adquirir respeito e aceitação social fazia com que filhos de homens brancos com escravas buscassem técnicas de alisamento dos cabelos, pois, já que nasciam com pele mais clara, queriam parecer brancas para esconder sua outra etnia e passar por pessoas livres.

Braga (2008), por seu lado, constata que as representações⁵ estéticas inspiradas no modelo de beleza europeu, após a escravidão, passam a figurar como objeto de desejo dos negros, daí a prática de alisar os cabelos. Portanto, a partir das normas de beleza orquestradas ao longo da história, legitimou-se o cabelo liso e loiro como padrão ideal de estética corporal.

Então, para alcançar uma imagem positiva, muitas mulheres afrodescendentes começaram a busca por técnicas de alisamento dos fios, para tentar se aproximar de uma estética vigente. Quintão (2013) informa que, próximo ao fim da escravidão, surge nos Estados Unidos o movimento do Novo Negro, promovido por algumas dessas mulheres que conseguiram ascender socialmente, pois:

[...] o cabelo farto e alisado se tornara um indicador da negra da classe média negra norte-americana, já que havia a crença de que com cabelo curto, crespo ou falho uma mulher negra teria dificuldades para alcançar sua integração socioeconômica. (BYRD; THARPS, 2001 apud QUINTÃO, 2013, p. 18-19).

Dentre as técnicas criadas, de uso corrente entre as mulheres afrodescendentes americanas e, posteriormente, entre as brasileiras, era utilizado o pente de ferro quente nos cabelos, para eliminar os crespos e os cachos. Empregava-se uma espécie de chapinha⁶ da era colonial. Nesse âmbito, notamos que a forma de apresentar os cabelos estava – e ainda pode estar – intimamente ligada ao desejo de ascensão social. Lopes (2011, p. 27) destaca que:

⁵ . Para Lopes (2011, p. 21): “a representação é a construção de uma rede de relações e as percepções do social não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas que tendem a legitimar determinado projeto”.

⁶ A chapinha é um aparelho feito de plástico e cerâmica que, conectado à tomada elétrica, esquenta, assim como um ferro de passar roupas, mas é utilizada para dar um efeito liso aos cabelos.

Entre os anos 20 e 40 imaginávamos os modelos brancos de embelezamento utilizados somente como estratégia para alcançar a ascensão social, enquanto a partir da segunda metade do século XX predominavam no âmbito da moda. Contudo, fomos percebendo que tal formulação é enganosa, talvez seja mais coerente supor que, no processo histórico, o branqueamento esteve presente tanto no campo da moda como naquele da estratégia política para alcançar a visibilidade social.

Com base nessas informações, foi possível observar que, do período colonial até a atualidade, técnicas de manipulação dos cabelos foram se ampliando e se aperfeiçoando. Assim, em vista de fatores como o fortalecimento de uma indústria de cosméticos capilar brasileira e o crescimento da circulação dos meios de comunicação, houve grande difusão de modelos de cabelos considerados esteticamente belos, em práticas sociais que dão grande destaque aos fios lisos. Tais práticas estão ligadas à maneira como o corpo foi discursivizado ao longo de uma história, em especial, o corpo do indivíduo negro da diáspora. Conforme Fernandes (2016), se concebermos o corpo como construção social, podemos nos pautar em outros referenciais, inclusive poderá ser o próprio negro, porém, a construção desse corpo, durante longo período, tem como referência o corpo do indivíduo branco, que serviu (e serve) como parâmetro para o ideal de beleza e boa aparência.

3.2 Alguns saberes sobre o corpo negro e a formação do discurso da “boa aparência”

Com base nas pesquisas realizadas para esta dissertação, observamos que a concepção de inferioridade e feiura do corpo negro vem de épocas bastante remotas, de um período pré-colonial. Santos (2002, p. 53) nos informa que a pele negra era vista pelo europeu como uma representação do mal. A “África era vista pela Europa como *‘uma porta para o inferno’*”; o negro africano era um ser selvagem; o continente africano era uma terra carregada de mistérios, de pecado e de imoralidade; era considerada uma terra de homens corrompidos, de “povos de clima tórridos com sangue quente e paixões anormais”, que só sabiam beber e fornicar. No que concerne à cultura do povo africano, o pesquisador ressalta que:

[...] era encarada como signo de barbárie. A vida sexual, política, social dos povos africanos foi sendo devassada e diminuída diante da vida dos europeus. A invisibilidade das diferenças entre vários povos da África fazia com que todos fossem vistos de uma única e mesma forma: todos são negros. (SANTOS, 2002, p. 55)

Os europeus viam a pele negra como algo estranho, por ser o oposto da sua, por isso, essa diferença suscitou grande interesse da ciência para tentar explicar esse fato. Ainda de acordo com Santos (2002), houve muitas especulações para justificar a cor da pele negra. Dizia-se que esse tom de pele era resultado da forte influência do sol, pois grande parte dos habitantes da África vivia em regiões de clima muito quente, ou que os negros descendiam de Caim, “que teve sua face enegrecida por Deus após matar Abel”, ou, então, “pela maldição de Noé sobre Caim, do qual todos os negros descenderiam”. Havia também a crença de que os alimentos consumidos pelos africanos eram responsáveis pela cor escura da pele desses povos. Assim, para Santos (2002, p. 55):

O ser negro é investigado, especulado, demonstrando que constituía um fenômeno diferente. Quer por obra da natureza, quer por obra divina, havia se produzido um ser que merecia explicação, um ser anormal. Essa explicação tornava-se quase sempre justificativa de sua inferioridade natural.

A partir dessas descobertas percebemos como discursos religiosos vão contribuir com a formação discursiva que determinou a inferioridade do corpo negro. Observamos que o contraste entre a cor da pele do homem negro em relação à do homem branco era justificado por uma relação entre o bem e o mal, e não por uma diferença natural, biológica. Ainda segundo Lopes (2011, p. 58):

Numa visão clássica teológica a criação do corpo branco é perfeita porque está associada ao criador magistral, enquanto a criação do corpo negro é tributária do Satanás, o anjo rebelde que, segundo a crença cristã, foi banido do céu e sepultado no inferno. O diabo é a pessoa sem virtudes e feia. Por isso mesmo sua produção, segundo a crença paulista, é deformada.

Reforçando o discurso da inferioridade, descobrimos nos estudos de Freyre (2006) que pesquisas antropométricas realizadas nos Estados Unidos

durante a Guerra Civil determinavam a inferioridade ou a superioridade das raças pelas medidas e peso do crânio, como critério para justificar a inferioridade do negro sobre o branco. Freyre (2006) afirma que essa determinação pretendia “ligar a inferioridade do negro em realizações e iniciativas de ordem intelectual e técnica; inferioridade essa que seria congênita”.

Conforme Santos (2002, p. 49):

Investigações sobre os tipos raciais tomam a Europa e vários intelectuais aproveitaram a oportunidade para escrever teorias sobre as diferenças raciais. As disparidades entre as teorias e os teóricos eram mínimas, visto que partiam dos mesmos pressupostos; da crença na diferença entre os tipos humanos que impunha uma certa hierarquia e da busca de uma explicação anatômica para esta diferença, somada ou não a outros fatores.

Compreendemos, assim, que a ciência vai se apropriando do corpo negro e instalando nele seu poder, por meio de diferentes saberes, seja biológico, seja teológico, confirmando a teoria de Foucault (2015, p. 239), conforme a qual “o poder, longe de impedir o saber, o produz”. Na perspectiva de Santos (2002, p. 129), a mitologia construída “ao redor da figura do negro parecia percorrer os quatro cantos da Terra, dando ares de verdade àquilo que em seu início era apenas reflexo de um medo localizado no tempo e no espaço”.

Nesse sentido, chegamos à constatação de que a construção desse saber sobre o corpo negro era uma tentativa de justificar atos de superioridade do europeu. Pois, com base nas explicações da ciência e das crenças expostas anteriormente, as diferenças do intelecto passam a justificar as diferenças estéticas do corpo, determinando que a pele branca e o cabelo liso e loiro são marcas físicas de um povo superior, em detrimento à pele negra e o cabelo anelado, principalmente o crespo, uma das marcas mais evidentes do corpo negro.

Em seu estudo, Santos ainda assevera:

A Europa “civilizada”, branca, era tomada como paradigma para a “compreensão” da cultura do novo mundo, como se fosse possível fazer um transplante de valores. A biologia será a chave mestra para esta compreensão e, como já dito, fornecerá os elementos pelos

quais a idéia de raça se transformará em racismo científico. (SANTOS, 2002, p. 55)

Assim, constatamos que o discurso de superioridade do branco sobre o negro vai se delineando ao longo do tempo, e que essa superioridade é marcada pela diferença da aparência física. Dessa forma, entendemos que o discurso da “boa aparência” vai se constituindo, pavimentando-se em comparações entre negros e brancos. Sobre esse contexto, Santos (2002, p. 57) ressalta:

Se os traços físicos estabeleciam uma conduta, seria importante desenvolver uma ciência da aparência, que seria a reedição da idéia de que o corpo representa a exteriorização da alma revelando, por meio de seus traços, os vícios e as virtudes humanas. Com os avanços conseguidos pela anatomia, que podia provar a interdependência dos órgãos do corpo e a influência de suas funções na conduta do indivíduo, não foi difícil argumentar que diferenças físicas entre as raças produzissem diferenças intelectuais e morais.

Diante dessa construção do saber sobre o corpo negro, orquestrado pelos europeus e por seu saber científico, podemos compreender um pouco sobre o processo de inferiorização dos negros transportados da África para outros países, dentre estes, o Brasil. Com base nessa ideia de inferioridade, Portugal trouxe para o Brasil – apesar de ser um povo dos mais miscigenados da Europa –, o imaginário de uma raça superior em relação aos negros africanos.

Sobre a ideia de superioridade da etnia branca do povo português, Freyre (2006) observa que a sociedade portuguesa, móvel e flutuante, constituiu-se e desenvolveu-se por uma variada circulação tanto vertical quanto horizontal de pessoas das mais diversas procedências. Porém, ao chegar às terras brasileiras, denominaram-se brancos, de cultura superior, moral exemplar e com padrão estético de beleza.

No Brasil Colônia, para os “conquistadores” europeus, só havia três etnias: o branco, o negro e o índio. Porém, as relações entre portugueses e africanas geraram indivíduos com características físicas distintas: os mulatos, que se consideravam mais próximos dos brancos, devido à cor mais clara da pele e os cabelos menos crespos. Segundo Freyre (2006), muitos portugueses gostavam de deitar-se com as negras da Casa Grande, e dessas “fornicações”

foram gerados muitos mestiços que se denominavam brancos e tentavam esconder sua etnia.

Segundo Braga (2015), no período da escravidão, os interesses dos senhores portugueses sobre os negros africanos eram apenas comerciais: homens e mulheres fortes destinados a trabalhos braçais. Porém, havia por parte de alguns senhores o interesse por africanas de pele mais clara e com gestos, cultura e domesticação mais próxima dos brancos. Essas africanas eram contratadas para trabalharem dentro da Casa Grande, eram pessoas consideradas dignas de estarem próximas dos brancos. Isso, no entanto, causava ciúmes e rancor nas senhorinhas dos engenhos, que não permitiam que negras ou mulatas fossem consideradas belas. A esse respeito, Braga destaca que:

[...] Desse rancor, decorre uma série de crueldades por parte das senhoras: algumas vendiam as mulatas novas a homens libertinos de idade avançada, outras quebravam, sob o peso de suas botinas, dentadura de escravas, outras mandavam arrancar-lhes os seios, as unhas, provocar-lhes queimaduras e, por fim, havia, ainda, aquelas sinhás-moças que “mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco”. (BRAGA, 2015, p. 68)

As características de beleza encontradas nas mulheres negras foram sendo dizimadas pelas senhoras brancas das grandes casas. Não satisfeitas com os castigos físicos, davam-lhes apelidos pejorativos, como: macacas, cabelo pixaim, tição, entre outros. Dos castigos físicos, a raspagem da cabeça era comum. De acordo com Gomes (2006, p. 27):

[...] Entre muitas formas de violência impostas ao escravo e à escrava estava a raspagem do cabelo. Para o africano escravizado esse ato tinha significado singular. Ele correspondia a uma mutilação, uma vez que o cabelo, para muitas etnias africanas, era considerado uma marca de identidade e dignidade. Esse significado social do cabelo do negro atravessou o tempo, adquiriu novos contornos e continua com muita força entre os negros e as negras da atualidade.

Mas, em muitos casos, essa identidade foi se transformando, pois ser negro naquele período era um sofrimento para os indivíduos que traziam na pele e no cabelo características de um povo colocado na linha de baixo de uma escala de nível social e na condição de ser humano. Por isso, muitos

afrodescendentes passaram por um processo de rejeição da cor da pele e da textura dos cabelos. Gomes (2006) realça que o negro adquiriu um sentimento de negação do próprio corpo, e essa negação “é um componente do processo identitário do negro brasileiro ao longo da história”.

Como dito anteriormente, os mulatos eram os que mais negavam a própria raça; por terem a pele mais clara e os cabelos mais anelados, achavam-se superiores aos indivíduos de sua descendência. Vale ressaltar que o tom da pele e a textura dos cabelos propiciavam a esses indivíduos uma condição de vida melhor, pois as atividades a eles atribuídas eram mais leves, desempenhadas dentro da Casa Grande do senhor de escravos, principalmente por mulheres, que eram selecionadas de acordo com a aparência. Para Braga (2015, p. 83):

[...] Essa seleção criaria não apenas a preferência por um tipo de cabelo que já não era crespo, mas cacheado, herança da miscigenação, como também a prática – o desejo – de alisar os cabelos, além de uma certa hierarquização entre os escravos. Nascia, aqui, um olhar sobre sua estética que partia não de sua origem, de sua identidade, como antes, mas partia do olhar do outro. Entre os dois modelos, está a busca pelo *status* social.

No período pós-escravidão, ainda eram nos cabelos que os mulatos mais se apoiavam para justificar sua aproximação com a raça branca. Os cabelos, portanto, ganharam uma denominação de meio termo: não eram lisos, mas também não eram crespos; eram ondulados ou cacheados. Nesse mesmo sentido, Gomes (2006, p. 243) assevera:

[...] Parece que, da mesma maneira que a cor das pessoas tende a ser “embranquecida” de acordo com sua situação socioeconômica, o tipo de cabelo também tende a ser nomeado como “menos crespo” ou “menos duro”. Logo o termo “moreno” se evidencia como expressão vazada de ambiguidade, aplicável a quase qualquer conjunto de características raciais, o termo “anelado” também se mostra envolvido na mesma situação paradoxal, sendo aplicado para todas as variações do cabelo crespo.

Sobre a construção depreciativa da aparência da mulher afro-brasileira, descobrimos também, na obra *Nova História das Mulheres no Brasil*, organizada por Pinsky & Pedro (2013), que a depreciação da imagem dessa mulher surge com o discurso da *boa aparência*, capitaneado pela elite branca e

intensificado no período de abolição da escravatura, precisamente a partir do ano de 1889, e com o nascimento da República. Santos (2002, p. 129) infere que:

A preocupação com a nova ordem, a República, que vem substituir o Império decadente, colocava uma nova questão: que tipo de cidadão queremos para formar esta nação agora livre. Obviamente, não os escravos, pois a abolição já havia se efetuado, mas, e os negros? Quais seriam as contribuições dos cidadãos negros à República?

Constatamos que a elite projetava para o Brasil uma imagem de modernidade, na qual os termos *progresso* e *civilização* eram as palavras de ordem. Progresso, em definição estabelecida por alguns dicionários⁷ digitais, é todo *movimento para a frente*, é uma *alteração para melhor*, uma *evolução* do homem e do espaço onde vive. E Civilização é concebida como um *conjunto de aspectos peculiares à vida intelectual, artística, moral e material* de uma sociedade. Ser civilizado era ser cortês, bem-educado, requintado. Para Santos (2002, p. 83):

A preocupação com o futuro do país, com um progresso que seria bem-vindo, colocava em destaque as teses racistas de então, que, com todo vigor, tomavam as falas dos parlamentares e intelectuais brasileiros. Eles passavam a encarar o negro como um signo de atraso do país e a considerar a imigração como única saída honrosa.

Assim, ao negro não foi permitida a participação nesse progresso, devido a sua condição social, por ser considerado incapaz, por não ser civilizado, aos modos culturais trazidos da África, concebidos como primitivos e que não condiziam com os modos europeus, e, além de tudo, por causa da cor da pele que o colocou na condição de inferioridade. Conforme Pinsky & Pedro (2013, p. 384):

Envergonhada e queixosa por não contar com um povo branco e homogêneo, a nova elite do país concebeu soluções cínicas no tocante à população negra. A mais radical e consequente foi tentar substituir os trabalhadores negros por uma nova onda de trabalhadores importados, brancos, europeus. Por trás disso estava a ideia de embranquecer a nação pela gradual desaparecimento dos negros – acusados de manchar a sociedade brasileira por conta de sua “raça” ou seu “primitivo” cultural – com a mestiçagem sucessiva das gerações futuras. Em outras palavras, acreditava-se que, a partir dos estoques de “sangue ariano” do imigrante europeu, seria possível,

⁷ www.significados.com.br

num futuro breve, reduzir significativamente do fenótipo da miscigenada população brasileira os traços negroides emprestados pelo africano.

Portanto, o processo de modernidade implicava não somente na “bela” imagem das cidades, mas também na feição das pessoas. No Rio de Janeiro, por exemplo, grupos marginalizados – que não podiam se trajar de acordo com o que era exigido pela elite – começaram a ser expulsos da área central da cidade, pois seu trajar não condizia com os espaços urbanos modernos. Sobre esse aspecto, Pinsky & Pedro (2013, p. 384) relatam que:

[...] Para os homens isso significava “calçados, meias, camisa, colarinho, casaco e chapéu”, enquanto das mulheres esperava-se que cobrissem seus corpos, contidos por espartilhos, com veludos, tafetás franceses ou quaisquer outros tecidos importados. Negras pobres com suas roupas “amarfanhadas”, “chinelinhas”, “carregando criancinhas de peito” deveriam sumir não só do “asfalto polido” da Avenida Central, mas da paisagem do país, à medida que o modelo desenhado para a Capital Federal passasse a ser aplicado no Brasil como um todo.

Essas exigências agravaram ainda mais as diferenças sociais entre negros e brancos, pois era praticamente impossível para um negro recém-liberto, geralmente sem trabalho ou que ainda trabalhava em serviços domésticos, ter condições para trajar roupas de grifes europeias que custavam muito caro. Nesse contexto, a população negra passa a ser cada vez mais excluída e relegada à marginalidade. Segundo Lopes (2011, p. 17), na primeira metade do século XX, em São Paulo:

Os achincalhamentos aos corpos negros aconteceram nos espaços públicos, sobretudo no centro da cidade, dentro dos locais de trabalho, nos institutos embelezadores da sociedade mais ampla, nas festas, enfim, no cotidiano, onde negros, brancos e mestiços se relacionavam. Os salões de embelezamento da sociedade branca não atendiam negros de qualquer posição social.

É nesse período que surgem muitos termos pejorativos em relação ao corpo e cabelo do negro. Lopes (2011) informa que a estilização do afrodescendente brasileiro era feita a partir de estereótipos impregnados de alusão à estética, tais como: feio, macaco, tição; ou ligados à sua descaracterização social e frouxidão de costumes. Nesse sentido, ao negro eram atribuídas as características de “malandro, rufião, delinquente,

maloqueiro, amasiado, bêbado, vagabundo, mandingueiro, pernóstico, servil”, ou seja, tudo o que estava relacionado à degradação física do homem. Lopes (2011, p. 64) ainda frisa que:

[...] dos homens, das mulheres, das crianças e dos velhos que perambulavam pelas ruas, pelas festas e pelas associações, os líderes negros emitiram opiniões, tanto sobre o estilo de ornamentação pessoal quanto sobre a falta de cuidado com o corpo, cumprindo exatamente uma função policialesca.

Portanto, pessoas da própria raça faziam o papel de “fiscal” da aparência do negro. Uma espécie de controle, que determinava quem era e que não era digno de andar por lugares frequentados pelas “pessoas de bem”, “pessoas dignas” e com “moral ilibada”. Ainda segundo o pesquisador supramencionado, “elites” da população negra criaram associações, e:

Os salões de embelezamento, os locais de assistência médica e as caixas beneficentes, criados pelas associações eram de uso dos associados e não estavam dispostos a atender qualquer freguesia, principalmente, a freguesia vinda da rua ou que contrariava as regras de comportamento da comunidade negra associada [...]. (LOPES, 2011, p. 76)

A autora informa, também, que a denominação “macaca” surge no período em que as empresas de rádio montavam auditórios nos espaços das programações diárias. Em “vista da presença barulhenta das mulheres negras nos auditórios radiofônicos”, estas passaram a ser chamadas de “macacas de auditório”, sendo esse um dos motivos pelos quais, ainda hoje, existem pessoas que se referem aos afrodescendentes como “macaco”, com o propósito de diminuir ainda mais a imagem do negro.

Ainda nessa perspectiva de modernidade, surge o desejo de “branqueamento” nacional, com a substituição dos trabalhadores domésticos negros por trabalhadores brancos e europeus. Naquela época, exigia-se requinte para cuidar da casa, com isso a elite burguesa importava da Europa pessoas com conhecimento de etiqueta social e com “boa aparência”. Acerca dessa prática, Pinsky & Pedro (2013, p. 384), afirmam que:

Por trás disso estava a ideia de embranquecer a nação pela gradual desapareção dos negros – acusados de manchar a sociedade brasileira por conta de sua “raça” ou seu “primitivismo cultural” – com

a mestiçagem sucessiva das gerações futuras. Em outras palavras, acreditava-se que, a partir dos estoques de “sangue ariano” do imigrante europeu, seria possível num futuro breve, reduzir significativamente do fenótipo da miscigenada população brasileira os traços negroides emprestados do africano.

Nas afirmativas de Pinsky & Pedro (2013), notamos que, apesar de ter sido abolida a escravidão, os negros enfrentaram muitas dificuldades para sua inserção na sociedade. Mesmo com a evolução industrial e com o surgimento de uma elite negra, houve uma tímida aceitação na contratação de negras e pardas nas fábricas, que sempre ocupavam cargos em que não havia a necessidade de contato com outras pessoas. Já no comércio, nas lojas, em boutiques, onde havia a necessidade de contato com o público, as trabalhadoras brancas eram maioria.

O discurso da boa aparência cria no imaginário do afrodescendente a ideia de ascensão social, pois as pessoas que frequentavam os grupos privilegiados da sociedade carregavam características comuns: pele clara e cabelos lisos. Por isso, ao negro só restava fazer mudanças nos cabelos, já que a pele era impossível branquear. Mesmo assim, havia uma tentativa de “amenizar” a cor escura da pele. Lopes (2011, p. 100) também afirma que no início do século XX:

[...] Os médicos de inspiração eugenista ditavam conselhos de beleza e associavam a higiene do corpo à pureza da raça, na intenção de suplantar o passado colonial marcado pela mistura racial. Entre os elementos conquistadores do ideal de brancura estiveram os pós-de-arroz, os sabonetes e os cremes de beleza. Também havia uma série de receitas caseiras para adquirir o brancor da pele: máscaras de leite, de oxigênio, da clara de ovo misturada com suco de limão, do óleo morno e de avelã.

Esses conselhos eram dados às mulheres brancas, mas mulheres afrodescendentes acataram as mesmas orientações, pois, segundo Lopes (2011, p. 100), o aspecto pálido da pele era “sinônimo de prestígio social evocando conforto, tempo livre nas sombras dos jardins de filiação europeia”. Anteriormente, Lopes (2011, p. 35) destaca que “para os escritores negros, o padrão de beleza e de comportamento moral estava comprometido com o ideal de ascensão social”. Assim, com o apoio do discurso literário, o discurso de branqueamento é ainda mais fortalecido. O pesquisador entende também que:

[...] é possível afirmar que mesmo a versão remediadora e afirmadora dos traços africanos compactuou com os conselhos de beleza ditados pelos médicos de inspiração eugenista: embora não ansiasse pelo ideal de um corpo europeu civilizado, anunciava técnicas e cuidados com o corpo em termos de limpeza que combinavam com algumas regras dos manuais de beleza e vigor. Talvez, seja exatamente nesse ponto que esse estudo da beleza negra apresenta inovações, aprofundando a obsessão pelo branqueamento [...]. (LOPES, 2011, p. 101)

Com base nesses pressupostos, compreendemos que, com o fortalecimento do discurso de branqueamento, uma imagem negativa da aparência da mulher negra vai sendo construída. Segundo Pinsky & Pedro (2013, p. 388), ainda na década de 1990, o critério de seleção no mercado de trabalho existia, pois, “no imaginário de chefias e profissionais de recursos humanos que empregavam vendedoras, recepcionistas, secretárias, a tal da ‘boa aparência’ estava relacionada a uma estética europeia, isto é, pele clara, nariz afilado e cabelo liso”. Assim, nos anos 20, de acordo com Lopes (2011, p. 76):

Em resposta aos xingamentos, aos padrões de embelezamento e à situação da época uma parcela da população negra buscou tornar-se agradável para si e para os outros. Era como se a resistência e a dominação negra ficassem expressas nas várias propostas de cuidado e exposição do corpo emitida pelos jornais. Propostas de embelezamento ligadas ao branqueamento do corpo, ao cultivo da beleza, ao uso de vestimentas da moda, nova e limpa, às maneiras de se comportar em público e nas reuniões familiares e associativas, etc.

Dessa forma, os indivíduos vão sendo distinguidos de acordo com as características dos cabelos, determinando quem é belo e quem é feio e a qual classe social pertence. Assim, após três séculos de abolição da escravidão, ainda encontramos enunciados que enfatizam esse pertencimento, mas de forma pejorativa e preconceituosa, pois, segundo Lopes (2011, p. 78) “a valorização imperiosa da brancura quase sempre está sob efeito de uma dominação histórica, imposição difícil de se libertar”. E, ao mesmo tempo em que o discurso da “boa aparência” do indivíduo branco de cabelos lisos é exaltado, o discurso de depreciação do cabelo afro é fortalecido. Para Gomes (2006, p. 146):

Quando a sociedade brasileira olha para o negro e para a negra e os destitui do lugar de beleza, ela afirma uma determinada proposição, um julgamento em relação ao negro e sua pertinência étnico/racial, que pode ou não ser internalizado pelo sujeito. Contraditoriamente, ao tentar destituí-los do lugar de beleza, essa mesma sociedade reconhece-os como negros, uma vez que, para se rejeitar, é preciso antes reconhecer.

Em meados do século XX, por exemplo, surgem músicas populares brasileiras, com enunciados, hoje percebidos como carregados de preconceito em relação aos cabelos da mulher afro-brasileira, reforçando ainda mais o discurso de depreciação dos cabelos dessa mulher. Observamos isso na música *O teu cabelo não nega*, de Lamartine Babo, no trecho: *O teu cabelo não nega, mulata, porque és mulata na cor, mas como a cor não pega mulata, mulata quero seu amor*. Com base nas explicações de Nasiasene (2004), uma das interpretações que se pode fazer em relação à menção do cabelo é que não adianta alisar, disfarçar, fugir das raízes, porque sua cor já diz a qual classe você pertence.

Além desses aspectos, o trecho que mais causou críticas e passou a ser considerado ofensivo e de cunho racista foi: *mas como a cor não pega, mulata*, principalmente por causa da palavra “pega”, que geralmente é usada quando alguém faz referência a uma doença contagiosa. Nasiasene (2004) ressalta que o trecho destacado pode significar que “o contato físico com uma pessoa negra não faz com que o branco se torne um inferior”.

Outro enunciado que reforça o discurso depreciativo do cabelo da mulher afro-brasileira pode ser encontrado na música do grupo *Chiclete com Banana*, no trecho: *Meu cabelo duro é assim, cabelo duro de pixaim, nega não precisa nem falar, nega não precisa nem dizer o meu cabelo duro se parece com você*. Das significações que os enunciados apresentam, podemos extrair que: cabelo *duro* e *pixaim* pertencem às pessoas negras e que não adianta negar, porque a cor da pele revela esse pertencimento. Além disso, *duro* e *pixaim* são expressões repetidas por discursos cotidianos, que caracterizam os cabelos crespos e o concebem como “ruim”.

Nessa breve análise, entendemos que tanto na música de Lamartine Babo, quanto na de Chiclete com Banana, é possível identificar discursos que se repetem e desqualificam a estrutura dos cabelos da mulher afrodescendente, destacando ainda mais o lugar de inferioridade em que o

negro foi colocado, em seu lugar de pertencimento social. Nesse contexto, Reis (2016, p. 57) relata que:

A produção cultural brasileira, referenciada na música popular, representada pelos grupos de pagode, de *axé music*, pelo *funk*, em Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, desde sempre dialoga com descaso do Estado, assentado nas estruturas de poder, e torna o corpo das mulheres negras, onde cada aspecto desse corpo é atacado, desconstruído e posto à execução pública.

Na posição de padrão de beleza, os cabelos lisos e loiros se tornaram o desejo de mulheres de todas as raças e classes sociais. Diante da força discursiva que inferioriza os cabelos crespos é que, desde o período colonial, compreendemos o porquê de a maioria das mulheres afrodescendentes brasileiras buscarem estratégias para conquistarem respeito e aceitação social por meio da aparência dos cabelos. Segundo Santos (2015), filhas de homens brancos com escravas, por exemplo, buscavam técnicas de alisamentos dos cabelos, pois, por nascerem com pele mais clara, queriam esconder sua etnia renegada. As negras de cabelos crespos também recorriam a uma espécie de pente de ferro que era esquentado no fogo e passado nos cabelos para esticá-los, como dito precedentemente.

Do período colonial aos dias atuais, as técnicas foram reforçando ainda mais o discurso de valorização do cabelo liso. Com o advento da indústria capilar, esse discurso adquire mais força, tanto por causa da produção em alta escala de produtos para alisamento, quanto do aumento da circulação de comerciais que anunciam esses produtos.

Atualmente, de forma ainda bem tímida, os afrodescendentes foram conquistando espaço, adquirindo um pouco mais de prestígio, devido ao fácil acesso às informações e às leis de igualdade social e racial que foram criadas nos últimos anos. Nesse contexto, percebemos o surgimento de enunciados que podem ser concebidos como formas de protesto e resistência à exigência de se ter cabelos esticados, dentre aqueles, destaca-se o da “ditadura do cabelo liso”. Esses discursos, entretanto, ainda não têm a adesão total da indústria de cosméticos, pois muitos cremes alisantes que ainda são fabricados nem foram aceitos totalmente pela sociedade de um modo geral, pois o

discurso da “boa aparência” ainda predomina no Brasil. Figueiredo (2016, p. 36) confirma que:

Na sociedade brasileira, onde registra-se um longo passado de escravidão negra, o escravo, o “inferior” e o “outro” sempre foram reconhecidos em função do próprio aspecto físico. Bem assim, o aspecto físico do negro foi utilizado para demarcar limites, associado à inferioridade, incapacidade intelectual e outros atributos negativos.

Nesse contexto, a relação do cabelo com a “boa aparência” coloca o cabelo do afrodescendente em posição de inferioridade. O pesquisador supramencionado afirma que diante da concepção de feiura, o cabelo do negro recebeu várias denominações pejorativas, como “duro”, “pixaim”, “feio”, as quais indicam que de algum modo esse cabelo precisa ser melhorado para ficar dentro dos padrões de beleza. Cruz (2016, p. 96), por sua vez, ressalta que:

É histórica a construção da beleza. Histórica e construída pelos padrões e valores da classe e da raça que se manteve no domínio e fez do seu modo de vida a referência. É dessa forma que se pode considerar uma reflexão sobre a beleza da mulher negra especificamente, ainda que todas as mulheres estejam sujeitas ao ideal de beleza propagado universalmente como ideal [...].

Na atualidade, Figueiredo (2016) considera duas importantes questões levantadas sobre o discurso da “boa aparência”. A primeira é em relação à vida privada, que está relacionada à autonomia, ao gosto pessoal. A segunda se refere à vida pública, pois, com a procura de trabalho ainda predomina a exigência da “boa aparência”, em especial a dos cabelos, principalmente em relação ao indivíduo negro, quando este vai em busca de emprego. Nesse sentido, ela entende que o requisito “boa aparência” é um mecanismo de exclusão, razão pela qual muitas entrevistadas de sua pesquisa ainda se propõem a mudar a aparência para se encaixarem nos padrões estabelecidos socialmente.

No próximo item, discutimos como mulheres afrodescendentes têm agido diante de técnicas de manipulação dos cabelos exigidas por discursos que circulam no cotidiano, ao longo da história do Brasil. No prisma de Figueiredo & Cruz (2016, p. 11), discussões sobre o tema cabelo fazem parte do cotidiano de mulheres negras brasileiras e “muitas delas despendem de

quantias significativas dos seus salários para ter um ‘cabelo bonito’ aos seus olhos e aos olhos dos outros”.

3.3 Processos de manipulação dos cabelos da mulher afro-brasileira: do liso aos cachos

Sobre as técnicas de alisamento dos cabelos no Brasil, em artigo publicado na revista *Cabelo&Cia*, Santos (2015) relata que por volta de 1930 ainda não existiam alisantes químicos, mas o padrão dos cabelos lisos tinha grande influência entre as brasileiras. Nessa época, elas usavam uma pasta e um aparelho chamados *Cabelisador* (o aparelho era espécie de chapa, que se esquentava para auxiliar no alisamento após a aplicação do creme). Já Lopes (2011, p. 79) nos informa que:

[...] entre os anos 20 e 30, a exigência dos cabelos lisos era constante nas reportagens e anúncios publicitários. Por conseguinte, técnicas e produtos apropriados para se conseguir um cabelo menos crespo e menos volumoso conquistaram forma e valor. Vendedores, salões, alisadeiras, que se autodenominavam modernos no ramo, veiculavam a pasta e o pente quente como métodos mais seguros para alisar o cabelo e adquirir, após o alisamento, outros cortes em voga [...].

De acordo com Braga (2015), na década de 1930, alguns anúncios destacavam o *Cabelisador* como uma invenção maravilhosa, como a conquista de um “sonho dourado”. O slogan dizia: “O CABELISADOR: Alisa o cabelo o mais crespo sem dor”. Era um creme alisante que a indústria tratava como uma “Pasta Mágica”, e a mídia divulgava-o utilizando enunciados com expressões carregadas de preconceitos em relação ao cabelo afro, tais como: “Quem não prefere ter a *cabelleira* lisa, sedosa e bonita em vez de *cabellos* curtos e crespos?”, ou então “Qual é a pessoa que não quer ser elegante e moderna?”. O anúncio ainda dizia: “Fabricamos duas qualidades de “CABELISADOR”: uma para *cabello* muito crespo, nº 1, e outra para *cabellos* menos crespos, nº 2”. Sobre tal moda, Braga (2015, p. 105) nos informa que:

Nesse contexto, o *Cabelisador* aparecia como uma alternativa estética que vinha responder a uma exigência social e histórica. Não por acaso, as pastas do produto são chamadas *pastas mágicas*: a elas estava reservado o poder de subverter a estética natural do

negro em nome de um padrão de beleza dominante. Aliadas ao pente quente, essas pastas prometiam beleza e modernidade à mulher negra sem causar-lhe dor, além de dispensar a necessidade de ir ao salão ou de solicitar a ajuda de um cabeleireiro.

Em seguida, na década de 1940, o pente quente ganha adeptas no Brasil, alguns anos depois que as americanas passaram a usar. Esse pente de ferro era aquecido no fogo em brasa e aplicado sobre os cabelos para alongá-los. Nesse período não havia salão para as mulheres negras afrodescendentes, por isso a saída era criar seus próprios métodos de alisamento para parecerem mais “brancas”. Parecer com a mulher branca não é tarefa tão simples, pois, mesmo com a possibilidade de alisamento dos cabelos, a pele ainda é uma característica que indica o pertencimento étnico. Segundo Lopes (2011, p. 27), em uma sociedade como a nossa, que ainda valoriza a pele clara e os cabelos lisos, “os negros têm dificuldade em afirmar a sua beleza”, mesmo com as mudanças estéticas possíveis.

O primeiro creme alisante comercializado no país foi o hidróxido de sódio, conhecido também como soda cáustica. Esse produto foi criado em 1914, mas foi somente na década de 1950 que as mulheres afrodescendentes brasileiras passaram a usá-lo. A comercialização de produtos para alisar os cabelos começou nos Estados Unidos, a partir daí sua produção se multiplicou e se espalhou por outros países, principalmente aqueles em que havia expressiva quantidade de afrodescendentes. Porém, esses produtos eram compostos por substâncias nocivas para o corpo e para a saúde. De acordo com Lopes (2011), os anúncios dos produtos de alisamento eram muitos, mas a divulgação daqueles que serviam para reparar os danos eram raros.

Santos (2015) informa que, nas décadas de 1960 e 1970, os produtos para alisamento foram deixados um pouco de lado. Esse fato ocorreu devido às descobertas de que a soda cáustica causava a perda excessiva dos cabelos, mas isso não eliminou o desejo de muitas mulheres em ter um cabelo liso e brilhoso. Para conseguir um efeito alisado, essas mulheres passaram a usar toucas noturnas, com grampos para fixar os cabelos. Essa técnica era conhecida como “caracol”, por causa da forma em que os cabelos eram enrolados.

Vaughan (2000) traça também uma espécie de linha do tempo em relação aos estilos de cabelos mais acessados por negros em algumas décadas. Segundo a autora, na década de 1970, durante o movimento *hippie*, surge a moda dos cabelos naturais. As pessoas que seguiam esse movimento promoviam a imagem do corpo sem mudanças estéticas. Nesse período, o aspecto volumoso dos cabelos dos negros deu nome ao estilo *Black Power*, e, para destacar ainda mais esse volume, os homens, principalmente, usavam um pente semelhante ao garfo. Foi uma época em que a espontaneidade e o orgulho do cabelo negro dominavam o cenário social. Figueiredo (2016, p. 26) ratifica o que diz Vaughan ao ressaltar que, no Brasil,

[...] a afirmação dos valores negros africanos e a adesão a uma estética particular cujo principal objetivo consiste em romper com o padrão de beleza branco vigente, surgem a partir da década de setenta, juntamente com o Movimento Negro Unificado.

Vaughan (2000) informa que nos anos 1980 a moda também promove o cabelo volumoso, mas, dessa vez, de todos os tipos de fios. Com inspiração nesse estilo, acontece no Brasil um movimento de inversão do liso, pois, com o desejo de dar volume aos cabelos e estar na moda, mulheres de todas as etnias aderem ao uso dos já conhecidos *bobs* e *bigudins*. Segundo Figueiredo (2016), na década de mil novecentos e oitenta e no início dos anos noventa, foi “maior o número de pessoas com o cabelo sem nenhum tipo de alisamento”. Porém, o alisamento continuou existindo, e para adquirir um cabelo linear, além dos alisantes, as mulheres usavam uma touca de gesso feita com uma mistura de farinha de trigo e tioglicolato de amônio. É nesse período também que surge a expressão *relaxamento*.

Dos anos 1990 até 2010, o estilo liso dos cabelos cresce com muita força. São criadas novas denominações para os processos de alisamento, tais como: escova progressiva, escova turca, chapinha, escova definitiva, *Botox* capilar, entre outros. Mais tarde, a ciência descobre que os componentes químicos que compunham muitos desses produtos poderiam causar danos aos cabelos e à saúde. Então, os órgãos de controle da saúde começaram a proibir esses alisantes. Essa proibição deveu-se ao excesso de formol na composição dos cremes, que poderia causar alergias sérias e até doenças mais graves

como o câncer. Nesse sentido, Lopes (2011, p. 28) afirma que a aparente preocupação com o cabelo do negro

[...] esconde também um mal causado pelos produtos químicos (especialmente os alisantes), pois em seus rótulos nenhuma informação é registrada dizendo do mal cheiro contido, do mal que fazem ao corpo, da queda de cabelo que promovem. A falta de informações sobre os males é marca de outros produtos.

Ainda segundo a pesquisadora, é recente a fabricação de produtos para cabelos afrodescendentes que trazem no rótulo a informação “Creme alisante, creme de relaxamento e creme permanente Afro, agora sem cheiro de amônia” (LOPES, 2011, p. 28), porém, os produtos que trazem essas indicações ainda são muito restritos e fazem parte de um rol de cosméticos caros, que somente uma pequena parte da população de afrodescendentes tem acesso.

A partir desses estudos, pressupomos que a mulher afro-brasileira deixa de usar os alisantes químicos com receio de perder os cabelos e/ou comprometer a saúde, pois, de acordo com Lopes (2011, p. 34), o governo federal dos Estados Unidos, de onde a maioria dos alisantes era importada para o Brasil, “colocou a maquiagem, em geral, sob regulamentação e aboliu o uso de ingredientes danosos nos produtos e nos anúncios fraudulentos”.

A autora ainda avalia que, ainda assim, mulheres sobrepunham o propósito de serem belas e joviais aos males provocados pelas substâncias. Compreendemos, portanto, que a busca por alternativas que mantivessem o brilho, o movimento e o aspecto sedoso continua. Percebendo isso, a indústria de cosméticos investe fortemente em produtos, como cremes menos agressivos, mas que mantêm o cabelo sob um regime de disciplinamento rigoroso, bastando, para isso, conferirem-se os rótulos de produtos capilares ou propagandas desse segmento.

Agindo, pois, de forma tentacular e com extrema sutileza, observamos que a indústria de cosméticos opera um poder que está sempre vigiando e produzindo desejos individuais, propondo uma imagem ideal de beleza. Esse poder é mantido e reforçado por discursos promovidos pela mídia, que faz uma espécie de “ponte” entre essa indústria e a sociedade.

Assim, é necessário analisar as regras de formação discursiva, regras que explicam um modo de produção dos objetos, das modalidades enunciativas, dos conceitos e dos temas/teorias (ou estratégias) que permitem o surgimento de um saber. O que está em jogo são as leis de construção das proposições que fazem um objeto existir, avaliando suas condições históricas de emersão. Conforme Foucault (2015), para esse tipo de análise do objeto é preciso delimitar as primeiras superfícies de sua emergência: mostrar onde [elas] podem surgir, para que depois sejam designadas e analisadas.

4 MÍDIA, SUJEITO E ENUNCIADOS SOBRE CABELOS CACHEADOS

Neste capítulo, abordamos a respeito do papel da mídia na construção dos sujeitos de um modo geral, e apresentamos também concepções da ideia de identidade. Os apontamentos partem de teorias que sustentam a perspectiva de que o sujeito e sua identidade são construídos pela história, e que a mídia é um espaço que colabora com essas construções.

Posteriormente, mostramos acontecimentos que influenciaram a formação do discurso midiático, com destaque aos movimentos de mulheres negras no Brasil, que emitiram palavras de ordem, exigindo direitos iguais e aceitação social de sua aparência.

Vale ressaltar que o objetivo de levantar essas discussões obedece às propostas do método arqueogenealógico, de Michel Foucault (2014), que orienta para o acolhimento do discurso em sua irrupção de acontecimentos. Foucault (2014, p. 35) entende que:

Fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar, não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações.

Por essa concepção, entendemos que, para a análise de um discurso, é preciso recorrer a outros saberes, sob uma perspectiva interdisciplinar. Por isso, além dos conceitos próprios dados pela análise foucaultiana de discursos, que embasaram a construção desta dissertação, buscamos recursos teóricos que tratam da influência da mídia na construção do sujeito e sobre as lutas históricas travadas pelo afrodescendente brasileiro, e entre as reivindicações está o respeito por sua aparência física.

Com base no exposto, fizemos as análises dos enunciados sobre cabelos cacheados, coletados de mídias digitais, especificamente de sites de busca e de sites de anúncios de produtos para cabelos.

4.1 Mídia e construção do sujeito

Ante os múltiplos sentidos que a mídia pode suscitar, nesta dissertação ela será entendida não apenas como um conjunto de meios de comunicação que veiculam informações, mas como lugar de mediação e de construção da realidade.

Por esse viés, observamos em estudos a respeito da influência da mídia nas sociedades modernas, em especial nas teorias de Thompson (2009), que nos últimos anos a modernização industrial contribuiu muito com o desenvolvimento dos meios de comunicação, e que esses meios têm transformado expressivamente o cotidiano social. Nesse sentido, Thompson (2009) concebe a mídia como uma instituição de poder simbólico, cuja ação acontece, também, simbolicamente. No entendimento do pesquisador,

[...] a atividade simbólica é característica fundamental da vida social, em igualdade de condições com atividade produtiva, [...]. Os indivíduos se ocupam constantemente com as atividades de expressão de si mesmos em formas simbólicas ou de interpretação das expressões usadas pelos outros; eles são continuamente envolvidos na comunicação uns dos outros e na troca de informação de conteúdo simbólico [...]. (THOMPSON, 2009, p. 24)

Por isso, compreendemos que a mídia é um campo rico da dinâmica discursiva. Os produtores das mensagens por ele veiculadas se utilizam de práticas sociais preestabelecidas, reconhecíveis pelo público que aceita tal discurso como verdadeiro, como modelo de vida a ser seguido. Thompson (2009) confirma que a mídia se apropria de acontecimentos da vida cotidiana antes de atuar, de formular suas mensagens, principalmente no que diz respeito às relações de consumo, pois maior parte dos meios de comunicação tem como objetivo final a venda de produtos. Sobre isso, o sociólogo assevera que:

No interior das mais empíricas tradições de pesquisa da mídia, a natureza e o papel dos receptores – o público – têm sido examinados com cuidadosa atenção. Vários métodos de pesquisa têm sido empregados para estudar fatores tais como o tamanho e a composição do público. Os graus de atenção e de compreensão revelados pelos receptores, os “efeitos” a curto ou a longo prazo de exposição às mensagens da mídia, as “necessidades” sociais e psicológicas satisfeitas pelos produtos de consumo da mídia, e assim por diante. (THOMPSON, 2009, p. 41)

Entendemos assim, que a mídia é uma instituição que trabalha com a linguagem em seu nível discursivo, argumentativo, cuja intenção é chamar a atenção dos leitores/ouvintes, por meio de recursos persuasivos, que propõem ao imaginário do sujeito regras de conduta e valores. Nesse aspecto, desenvolve-se a articulação dos meios de comunicação com o campo da publicidade, que por seu lado divide espaço com a informação, a notícia e o entretenimento.

Dentre os principais meios de comunicação que mais influenciaram a vida dos indivíduos do mundo moderno está a televisão. A TV já foi considerada o principal meio de comunicação de massa e, portanto, uma grande influenciadora do comportamento dos indivíduos, com seus comerciais glamorosos, que ofereciam (e ainda oferecem) uma vida de sonhos. Todavia, atualmente a TV não é o único recurso midiático de veiculação desse universo; a internet chegou para “competir” com a televisão e nela a comercialização de produtos é muito mais intensa.

Com o desenvolvimento tecnológico, e além dos suportes tradicionais como a TV, o rádio, os jornais, as revistas, a publicidade vai se estruturar na internet. Debans (2000) afirma que a mídia busca, na internet, novos “elementos que garantam o dinamismo e a interatividade dos novos tempos”.

De acordo com Carvalho (2014, p. 18):

As agências de publicidade são verdadeiros laboratórios de comportamento humano, criando datas (dia das mães, dos pais, dos avós, dos namorados, do amigo) e situações, despertando sentimentos e valores, descobrindo nossas frustrações e inseguranças, criando falsas necessidades para, em seguida, apresentar-nos as respostas. É difícil escapar de suas ciladas.

Compreendemos que, por isso, o discurso midiático compõe-se de entrelaçamento de discursos, e, graças às ferramentas modernas de meios de comunicação, torna-se um campo ainda mais rico para estudos. Esse entendimento foi reiterado por Navarro (2006, p. 75), quando afirma:

A diversidade dos temas abordados pela mídia contemporânea disponibiliza ao pesquisador uma constelação de enunciados que recorta o arquivo. São discursos que se inserem em meio a outros tantos já ditos e vão formando uma rede interdiscursiva, construída

de retomadas, de réplicas ou deslocamentos de elementos discursivos inseridos numa formação discursiva.

O sujeito, ao receber as mensagens midiáticas, interpreta-as de acordo com suas condições de interpretação, de acordo com as formações discursivas com as quais se identifica, conforme suas práticas cotidianas, de acordo com aquilo que ele acredita ser real e correto.

O sujeito interpelado pela mídia, muitas vezes, copia enunciados e compartilha-os com vários grupos que participam de suas redes de comunicação. Nesse ponto, podemos afirmar que o sujeito não é dono do próprio dizer, como concebe Foucault (2014), ele apenas dissemina aquilo que acredita ser verdade.

Mas nem sempre o sujeito age com o intuito de concordar com o enunciador do discurso, pois pode, como forma de protestar um determinado dizer, usar as mesmas palavras, a mesma frase, mas de forma ressignificada. Em um mesmo enunciado, o sujeito pode assumir várias posições, que podem definir suas identidades. De acordo com Thompson (2009, p. 29):

Quando indivíduos codificam ou decodificam mensagens, elas empregam não somente as habilidades e competências requeridas pelo meio técnico, mas também várias formas de conhecimento e suposições de fundo que fazem parte dos recursos culturais que eles trazem para apoiar o processo de intercâmbio simbólico. Estes conhecimentos e pressuposições dão forma às mensagens, à maneira como eles as entendem, se relacionam com elas e as integram em suas vidas. O processo de compreensão é sempre uma ação recíproca entre as mensagens codificadas e os intérpretes situados, e estes sempre trazem uma grande quantidade de recursos culturais de apoio a este processo [...].

É por meio do compartilhamento de discursos que o sujeito vai construindo suas identidades, e essa construção é extremamente móvel, flexível, pois muda no decorrer do tempo, ao sabor das mudanças dos discursos. Isso configurou o que Hall denominou de sujeito pós-moderno, fragmentado, descentralizado. De acordo com Hall (2014), essa ideia de descentralização do sujeito é alicerçada em vários acontecimentos, entre os quais estão teorias marxistas.

Segundo o sociólogo jamaicano, os novos intérpretes do pensamento marxista concebem que os indivíduos não são os autores ou agentes da

história, uma vez que estes só poderiam agir se estivessem ancorados em condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram, utilizando recursos que lhes foram disponibilizados por gerações anteriores.

Hall (2014) informa também que a noção de sujeito descentrado surge das teorias de Lacan. O sujeito se constrói a partir do seu olhar sobre dimensões que estão à sua volta. Mas, “embora o sujeito esteja sempre partido ou dividido, ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida, ou “resolvida”, ou unificada”. Assim, para o teórico cultural,

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não é algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. [...] em vez de falar da identidade como coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que está dentro de nós como indivíduos, mas de uma *falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros* [...]. (HALL, 2014, p. 24):

Outra forma do que Hall (2014) chama de descentramento principal da identidade e do sujeito diz respeito aos apontamentos de Foucault sobre o poder disciplinar dos corpos. O poder disciplinar age regulando e vigiando os sujeitos, conduzindo-os a um modo de agir e pensar. O objetivo de poder, para Hall (2014, p. 26), é:

[...] manter “as vidas, as atividades, o trabalho, as infelicidades e os prazeres do indivíduo”, assim como sua saúde física e moral, suas práticas sexuais e sua vida familiar, sob estrito controle e disciplina, com base no poder dos registros administrativos, do conhecimento especializado dos profissionais e no conhecimento fornecido pelas “disciplinas” das ciências sociais [...].

Outro fator que contribui com o descentramento do sujeito, segundo Hall (2014) é o aparecimento de movimentos sociais que emergiram durante os anos de 1960, momento que esse autor considera como o grande marco da modernidade tardia. De mais a mais, o estudioso destaca que cada um dos movimentos “apelava para a *identidade social* de seus sustentadores” (HALL, 2014, p. 27), e que esses acontecimentos constituem o nascimento histórico do

que veio a ser concebido como *política de identidade* – uma identidade para cada movimento.

Dentre esses movimentos estão os de luta pelos direitos iguais dos negros, luta pela aceitação da raça, da cultura e da religião afrodescendente; luta pelo respeito à cor da pele e à textura do cabelo. E, a partir de enunciados imperativos, que indicam palavras de ordens, surgem enunciados que aprovam os cabelos cacheados da mulher afrodescendente.

Nesse aspecto, entendemos que os meios midiáticos muito contribuíram para a disseminação do discurso desses movimentos, dando visibilidade a seus idealizadores em redes de comunicação diversas. Observamos esse movimento prioritariamente em sites comerciais, que divulgam produtos fabricados pela indústria de cosméticos para mulheres de cabelos cacheados.

4.2 Movimentos de mulheres negras, mídias e construção de identidades da mulher afrodescendente

Conforme já comentado no capítulo anterior, desde o período colonial no Brasil a maioria dos sujeitos afrodescendentes tem vivido em situação de marginalização devido às implicaturas que trazem em suas características físicas; marcas de um povo considerado inferior, destituído de beleza e de inteligência. Por isso, muitos lutam para se “desfazer” dessa imagem, criada por um sistema discriminatório e opressor. Sobre essa questão, Gomes (2006, p. 198) afirma que como estratégia de sobrevivência, alguns negros e negras criaram estilos de uso dos cabelos na tentativa de conquistar respeito e aceitação à raça, e de afirmação da identidade. Porém, as marcas da africanidade ainda causam muitos conflitos, e os afrodescendentes, principalmente as mulheres, ainda tentam escondê-las.

Apesar da força desse sistema opressor, os afrodescendentes, por meio de movimentos sociais, sobretudo, vêm lutando para ter sua imagem aceita pela sociedade. Junto com o apelo desses movimentos, muitos salões de beleza, específicos para cabelos crespos e cacheados, têm sido inaugurados, com o objetivo de resgatar uma identidade mais autêntica. Gomes (2006, p. 199), por exemplo, confirma que:

Apesar das contradições e mesmo tendo sido “plantada” e/ou “replantada” em condições adversas, a africanidade recriada no Brasil e que compõe a identidade do negro brasileiro continua sendo característica marcante. A planta originada dessa raiz certamente não terá a mesma aparência que o tubérculo que a originou, mas ambas continuam sendo parte uma da outra, e uma não subsiste sem a outra. É assim que se dá a relação entre o negro da diáspora, o cabelo e a herança cultural africana.

Essa busca pelas origens identitárias não acontece da mesma forma entre grupos afrodescendentes, pois as escolhas individuais são feitas em determinado contexto que as influenciam. Os movimentos de mulheres negras, por exemplo, foram acontecimentos que contribuíram significativamente com o aparecimento de enunciados que promovem os cabelos cacheados que atualmente circulam nas mídias digitais. Aliás, compreendemos que a mídia faz o papel de influenciadora, que se apropria dos movimentos sociais para explorar os apelos por aceitação dos cabelos. De acordo com Silva (2014) quando tratam das análises dos temas levantados pelos movimentos de mulheres negras,

[...] raça e gênero são os deflagradores das análises, mas devem receber outras contribuições, uma vez que as mulheres negras, por estarem inseridas na sociedade, são alvo de diferentes outras manifestações discriminatórias. Por conseguinte, nas suas ações de insurgências, terão especificidades que demandarão recortes e abrangências multifacetadas. (SILVA, 2014, p. 33)

Dentre as abrangências estava a discussão sobre cabelos afros, por ser considerado um item marcante da identidade negra. Portanto, antes de tratar das influências do discurso midiático na constituição da mulher afrodescendente, fizemos um breve apanhado sobre movimentos sociais de mulheres negras que lutam por aceitação política, social e, consequentemente, aceitação da própria imagem, uma vez que consideramos esses movimentos feitos importantes para a formação discursiva dos enunciados sobre cabelos cacheados dessa população.

A esse respeito, Silva (2014) informa que muitos encontros realizados por mulheres negras no Brasil propiciaram a ocorrência do I Encontro Nacional de Mulheres Negras. Nessa reunião, foram discutidos vários temas deflagrados nas necessidades das mulheres afrodescendentes e nos problemas

enfrentados por elas no dia a dia. Dentre os temas discutidos, esteve o “As mulheres Negras e a Estética”. Silva (2014, p. 34) informa também que:

[...] as mulheres negras brasileiras, no final da década de 1980, trouxeram à luz a reflexão de que a construção da imagem negativada da mulher negra na sociedade era fruto dos aspectos de raça, gênero e classe em primeira instância, em conexão com diversos outros que poderiam ser evidenciados a partir das muitas formas analíticas que a metodologia do encontro permitia abordar.

Assim, a organização das mulheres negras no Brasil contribuiu sobremaneira com a viabilização das questões específicas dos diferentes âmbitos presentes no cotidiano das afro-brasileiras. Dentre essas questões, está o respeito às características físicas do negro. Segundo Silva (2014, p. 69):

Pensar em organização de mulheres negras é delinear uma trajetória, em que ressaltamos a presença feminina nas diversas organizações da população negra, sempre objetivando a mudança social. As mulheres negras organizaram-se por uma necessidade de satisfazer suas demandas sociais e, ao mesmo tempo, fomentar uma articulação no seu lugar de origem, como forma de estabelecer um diálogo entre movimento e comunidade. Ao ter essa atitude, elas começam a atuar, cada vez mais, nos espaços públicos, organizações não governamentais (ONGs), sindicais, partidárias, para poderem construir políticas públicas que as contemplassem. Assim, elas definiriam seu papel social nos movimentos sociais e iniciariam timidamente um caminho importante de ações, tendo como meta as reivindicações prioritárias [...].

Durante muito tempo de discussões, de acordo com Silva (2014, p. 70), as organizações não governamentais dirigidas por mulheres negras elaboraram um plano de metas, para ser desenvolvido a curto, médio e longo prazo. Esse plano possibilitou a aproximação das mulheres organizadoras com o Estado e, assim, “iniciou-se o processo de empoderamento de algumas mulheres negras do movimento”. O termo “empoderamento”, então, passou a fazer parte do discurso dessas mulheres, e o cabelo, por sua vez, tornou-se o principal símbolo desse empoderamento. Silva (2014) entende que as narrativas dos movimentos sociais expressam a necessidade de constante militância em favor da causa afrodescendente para a demarcação de superação. Para a autora, as mulheres negras têm como desafio desconstruir a ideia de inferioridade do negro do imaginário social brasileiro.

Para Silva (2014), as mulheres negras tiveram a preocupação e o empenho em “criar estratégias para mobilizar, organizar, dialogar com outras instâncias e empoderar”. Essa luta surgiu de várias situações de constrangimento e discriminações que as mulheres afrodescendentes têm sofrido ao longo dos anos. De acordo com a pesquisadora, cada uma das mulheres que encabeçam os movimentos sociais em prol do afrodescendente

[...] tem seu grau de representatividade junto aos afrodescendentes e, no decorrer de suas narrativas, vão demarcando cada lembrança de sua atuação tão ativa em suas memórias, guardadas com um sentimento de prazer, de conquista por se encontrar em um estado de superação das discriminações e ter podido construir um alicerce identitário através de várias discussões [...]. (SILVA, 2014, p. 86)

Nesse âmbito, pudemos constatar que, com os movimentos de mulheres negras, vão sendo articulados novos temas importantes para a inclusão social do afrodescendente no Brasil. Segundo Almeida (2014, p. 117), a “atuação política das mulheres negras busca novas narrativas, novas possibilidades discursivas, que retratam suas próprias experiências e traduzem uma nova visão da sociedade brasileira”. Consideramos que essas narrativas são uma das possibilidades de surgimento de enunciados que promovem a imagem do afrodescendente, e esses enunciados chegam às mídias digitais, que os utilizam em benefício da indústria.

Em conformidade com o tema, Reis (2016) nos informa que o enfrentamento e a demarcação de mulheres negras no Brasil se materializaram com campanhas organizadas pela AMB – Articulação de Mulheres Brasileiras –, em que surgem os lemas “Solte os cabelos, prenda o racismo”. A campanha foi lançada em 2011, em Brasília, e lançada pela Terceira Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres.

Assim, a partir desses acontecimentos de acordo, com Almeida (2014, p. 119), as mulheres negras passam a percorrer seu próprio caminho, pois, elas saem do anonimato e se tornam “interlocutoras de seus próprios pensamentos e questões”, posicionando-se como sujeitos políticos e de discursos. Mas esse caminho é longo, pois o gênero feminino ainda encontra muitas resistências sociais em relação à aparência, em especial a dos cabelos, que não podem estar desalinhados, “desarrumados”. E esse desalinhamento,

vale lembrar, ainda é para a sociedade um indicativo de desleixo e, às vezes, até de sujeira.

Com base na concepção foucaultiana de acontecimento, entendemos que para analisar um discurso é necessário identificarmos os fatores históricos que influenciaram sua irrupção. Contudo, Foucault (2014, p. 31) sugere que “não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância”. Portanto, o importante é compreender suas relações, o que eles têm de semelhante.

Entendemos, portanto, que os movimentos sociais – liderados por grupos afrodescendentes – são alguns dos acontecimentos dispersos que servem como pano de fundo para a criação de discursos sobre a estética dos cabelos da mulher afrodescendente, que a mídia se apropria com fins comerciais. Em outros termos, o ativismo de militantes afrodescendentes no Brasil ganhou tanta força que passou a chamar a atenção da indústria e da mídia nacionais.

Assim, a indústria, por meio da mídia, passou a “transmitir” os apelos da mulher afrodescendente, principalmente em relação à imagem desses sujeitos, por meio de enunciados que promovem os cabelos cacheados/crespos, “ajudando-as” a eliminar a negatividade que a imagem dessa mulher adquiriu nos últimos anos. Mas, quando se trata de indústria e mídia, há sempre um interesse mercadológico, pois, segundo Gomes (2006, p. 206),

Como é próprio das sociedades capitalistas, o mercado se apropria de algo que é construído ideologicamente como marca identitária e uma produção cultural de grupos alijados do poder, transformando-o em mercadoria. Os estilos de cabelo do negro não conseguem ficar imunes aos efeitos da indústria cultural e da moda e muitas vezes são traduzidos em visual *fashion*, produzidos para o consumo de negros e brancos.

Diante das discussões sobre as transformações sociais, culturais e econômicas, Gomes (2006, p. 206) afirma que essas mudanças, inevitavelmente, influenciam no comportamento dos afrodescendentes e alteram suas identidades, dando-lhes novos significados. Então, assevera:

[...] essas mudanças também revelam que os grupos raciais e sociais que, ao longo da história, se mantêm no poder agora conseguem lucro e acumulam riquezas graças à exploração de características culturais dos grupos que sempre excluíram. (GOMES, 2006, p. 206)

Nesse caso, compreendemos que a mídia é utilizada como instrumento de manutenção de poder desses grupos sociais, que aparentemente ingressaram na causa dos negros, ao promoverem sua imagem, mas que têm como único objetivo o lucro financeiro, ou seja, comercializar produtos para grupos afrodescendentes se tornou um negócio rentável. Para Gomes (2006, p. 228), “estética, política, identidade, mercado e moda são, hoje, inseparáveis e mantêm entre si relações complexas e, por vezes, tensas”. Tensas porque não se sabe se os produtos oferecidos, como creme para pentear, por exemplo, são propostos para valorizar as características da mulher afrodescendente, ou aproximá-la das características da mulher branca, de cabelos brilhantes e sedosos. De acordo com Lopes (2011, p. 28):

Os divulgadores dos padrões de beleza, os divulgadores de produtos, hoje, normalmente, apresentam os embelezadores físicos como uma invenção maravilhosa para o corpo negro, como se quisessem reconhecer ou fazer existir uma especificidade de elementos corporais, que ora precisam ser tratados e ora precisam ser apagados [...].

Gomes, por seu turno, pensa que “o surgimento de um crescente mercado étnico estimulado pela indústria traz contornos diferentes para a configuração das atuais políticas de identidade” (GOMES, 2006, p. 229), pois muitos são os estilos de penteados apresentados pela mídia, e como esta exerce grande força no comportamento das pessoas, ora propõe cabelos lisos, ora cabelos cacheados, ora ondulados. No entendimento da pedagoga, que luta contra o racismo no Brasil,

[...] ao mesmo tempo em que os negros e as negras tendem a consumir produtos específicos que apelam para a sua identidade étnico/racial, eles/elas também participam de uma sociedade que estimula imagens difusas, ambíguas e mestiças, manipulando o jogo das diferenças e a alteridade. Assim, o discurso liberal atinge a estética negra, manipulando-a ideologicamente, criando a ilusão de que é possível adotar um estilo de cabelo próprio, autêntico e livre do peso de uma leitura política de mão única. (GOMES, 2006, p. 230)

Entendemos que essa manipulação da imagem do negro resulta em uma oscilação da identidade, principalmente das mulheres, pois, para o senso comum, os cabelos da mulher são sua marca de feminilidade, em especial os cabelos longos e lisos. Além disso, as mulheres, por serem consideradas mais vaidosas, estão mais abertas às mudanças estéticas. Sobre isso, Quintão afirma que:

A cada mudança de tendência para os cabelos as mulheres costumam buscar os procedimentos necessários para se “enquadrarem”. Aquelas que não o fazem correm o risco de serem desvalorizadas ou até estigmatizadas por sua aparência. Certamente elas terão dificuldades para obter o mesmo status social daquelas que se adaptam à moda vigente [...]. (QUINTÃO, 2013, p. 59)

Se as mulheres em geral sentem a necessidade do enquadramento social por meio da estética dos cabelos, as afrodescendentes necessitam ainda mais, por estarem em uma posição estética distante daquela considerada ideal. Pois, quanto mais anelados os cabelos, maior a necessidade de “domá-los”, “discipliná-los”, e colocá-los nos padrões aceitos. Quintão ainda ressalta que:

[...] A não conformidade do cabelo às regras estéticas vigentes constitui uma quebra da norma que, por sua vez, gera uma crise, pois é motivo de críticas e preconceito por parte de terceiros. Tais críticas e atitudes preconceituosas acabam por incitar na mulher o ímpeto de fazer algo a respeito de sua situação marginal para se “enquadrar”, ou seja, a mulher opta pela intervenção, que seria a ação reparadora da situação [...]. (QUINTÃO, 2013, p. 60)

Dessa forma, percebemos que o controle sobre o corpo, em especial sobre os cabelos, orquestrado por discursos propagados na mídia digital, é estimulado pela sociedade de consumo, que está sempre exigindo mudanças para acompanhar as tendências de uma moda. E quando o assunto é moda para afrodescendente, atualmente, a palavra de ordem é “assumir a própria identidade”. Contudo, Gomes (2006) afirma que o discurso que comercializa produtos afros, não estimula a construção de uma identidade étnica, ao contrário, fragmenta-a ainda mais. A doutora em antropologia ainda ressalta que:

[...] a crescente onda de produtos étnicos diz respeito à emergência de um mercado que, para crescer, não tem escrúpulos de manipular

o sentido político das identidades étnicas, apropriando-se de símbolos culturais dos negros, ressignificando-os e, por vezes, deturpando-os e devolvendo-os à sociedade. Assim, as propagandas desses produtos prometem um cabelo que realça a beleza “natural” e a “força nativa” [...]. (GOMES, 2006, p. 232)

Essa fragmentação é consequência da oferta de uma variedade de produtos e de interação social promovida pelo processo de globalização. Com acesso fácil ao comércio e à mídia de outros países, a mulher afrodescendente brasileira passa a adquirir produtos não fabricados no Brasil. De acordo com Gregolin (2004), uma série de mudanças nos setores econômicos causou grande revolução no setor midiático, que se utiliza de elementos audiovisuais, influenciando significativamente o modo de pensar das massas com seu poder de persuasão, fabricando, assim, novas identidades e novos desejos.

No caso específico das mídias digitais, temos observado que esta já faz parte da vida cotidiana de grande parte das pessoas, no Brasil. A criação da internet e dos aparelhos celulares trouxe a mídia para conexões mais intensas com os indivíduos, e muitos, hoje, concebem-na como uma extensão de seu lar, ou mesmo do seu corpo. Essas pessoas, quase que diariamente, recorrem às mídias digitais para consultar assuntos dos mais variados ou para comprar todo tipo de produtos. Sobre a mídia, de modo geral, Thompson (2009, p. 43) considera que:

A recepção dos produtos da mídia deveria ser vista, [...], como uma atividade *de rotina*, no sentido de que é uma parte integrante das atividades constitutivas da vida diária. A recepção dos produtos da mídia se sobrepõe e imbrica a outras atividades nas formas mais complexas, e parte da importância que tipos particulares de recepção têm para indivíduos e deriva de maneiras com que eles os relacionam a outros aspectos da vida.

Entende que “os indivíduos que recebem os produtos da mídia são geralmente envolvidos num processo de interpretação através do qual esses produtos adquirem sentido” (THOMPSON, 2009, p. 44). Nesse aspecto, depreendemos que a informação, para ser compreendida pelo público-alvo, deve fazer parte do contexto discursivo do indivíduo que a recebe. Nas análises do discurso-objeto, não tratamos da interpretação dos sentidos dos produtos para cabelos cacheados, mas do sentido dos enunciados que acompanham esses produtos, na perspectiva teórica de Foucault (2014),

quando este afirma que “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados”.

Os sentidos dos enunciados analisados nesta dissertação foram investigados nessas povoações, nas suas margens, para que pudéssemos identificar suas regularidades.

4 3 Enunciados sobre cabelos cacheados

Com base no método arqueogenealógico, operamos aqui as análises de uma série enunciativa coletada de mídias digitais, retomando conceitos de Foucault. Partiremos dos conceitos de sujeito, em seguida do *a priori* histórico, corpo, formação discursiva, enunciado e vontade de verdade, além do conceito de identidade, pensado com os estudos de Hall (2014).

Entendemos que esse elenco conceitual possibilita o reconhecimento das práticas histórico-sociais que delineiam as formas de ver e de usar os cabelos. Buscamos, nesse caminho, encontrar redes de significações, sentidos envolvidos na emergência e circulação de enunciados de produtos destinados para um grupo de pessoas negras que têm cabelos cacheados.

De acordo com os postulados de Michel Foucault (2014), o método de descrição arqueológica dirige suas análises para as práticas discursivas. Assim, a arqueologia se ocupa em revelar a regularidade de uma prática discursiva que é exercida igualmente por todos os seus enunciados sucessores, ou por alguns de seus predecessores. Essas regularidades se caracterizam por um conjunto de enunciados que obedecem às mesmas regras de formação discursiva que lhe deram origem.

Para os fins desta análise, selecionamos, em um site de busca e em dois sites de comercialização de produtos para cabelos, alguns anúncios em que é possível localizar práticas discursivas utilizadas para convencer mulheres de cabelos cacheados de que os seus fios devem ser disciplinados; devem seguir um padrão de beleza para cabelos com essa classificação.

Reforçamos que, para Foucault (2014), as práticas discursivas são elementos ligados ao discurso, e que este não é um conjunto de signos que remetem a representações ou a conteúdos, pois eles, os signos, são práticas

que criam as coisas. Foucault (2014) considera que o discurso é um conjunto de enunciados que não apenas designam as coisas; eles produzem-nas, como práticas que constroem de maneira sistemática os objetos de que falam. Em outras palavras, “o discurso é formado a partir de um campo prático” (VANDRESEN, 2014, p. 85), onde são estabelecidas regras de aparecimento do que pode ser dito.

Nas séries de enunciados que reunimos foram analisadas relações entre o dizer e momentos que marcaram a história do afrodescendente no Brasil. Inicialmente, foram destacadas as relações históricas que permeiam a formação discursiva dos anúncios de produtos para cabelos cacheados apresentados nesta dissertação, partindo das relações entre o dizer e o *a priori* histórico, como propõe Foucault (2014), para realizarmos o estudo de enunciados.

Compreendemos que o método arqueogenealógico exige um olhar interdisciplinar. Por isso, foi realizado anteriormente um levantamento de alguns registros históricos sobre discursos de construção da imagem do negro afrodescendente, que talvez não estejam aparentes no objeto de análise, mas seu estudo é necessário para identificarmos práticas que construíram o discurso de má-aparência desse indivíduo. Dentre esses temas, discutiremos sobre processos de manipulação dos cabelos e a construção da “boa aparência”.

4.4 Descrição arqueogenealógica dos enunciados sobre cabelos cacheados

Como mencionado, propomos a seguir a análise de uma série enunciativa, isto é, um conjunto de enunciados que se ligam por relações que coexistem em múltiplos acontecimentos.

A série que analisamos é composta por treze anúncios publicitários sobre cabelos cacheados. Em relação aos critérios de seleção, elegemos em nossa análise os enunciados que configuravam, em algum grau, a noção de disciplinamento dos cachos. A seleção foi realizada no período de julho de 2017 a maio de 2018.

Iniciamos pelo anúncio disposto a seguir, recortado do *Google imagens*, a partir do qual discutimos a posição do sujeito do enunciado e sua relação com o arquivo. Ressaltamos que os enunciados que compõem a publicidade não propõem explicitamente um disciplinamento, mas podemos identificá-lo a partir da expressão que sugere o uso de creme, pois os cremes para cabelos são utilizados para manter a uniformidade dos cachos, para que não desalinhem, nem embaracem.

Figura 1 - Quando sua opinião for creme, você me dá.



Fonte: *Google imagens*. Acesso em 14/07/2017.

Partindo da perspectiva de que o sujeito é compreendido nos estudos de Foucault como uma posição discursiva que enuncia a partir de uma formação discursiva, delineadora do que pode e deve ser dito, na publicidade acima os enunciados marcam a presença de um sujeito que, aparentemente, vai de encontro com a formação de discursos veiculadora da seguinte verdade: cabelos volumosos e cacheados são considerados feios e não condizem com o padrão de beleza.

Assim, observamos que os enunciados (“Pq que você não alisa?”, “Tira o volume”, “Tá feio assim” e “Prende esse cabelo”), alinham-se ao discurso que propõe como padrão o cabelo liso. Ao se situar contra a ditadura do cabelo liso, o sujeito do enunciado “Quando sua opinião for creme você me dá” parece valorizar seus cabelos cacheados. Porém, ao propor o uso de creme, esse sujeito enuncia do lugar daqueles que aceitam o discurso que define um padrão para esses cachos, pois é necessário usar cremes, e como dito, os

cremes nada mais servem do que para “arrumar” os cachos, não os deixar de qualquer jeito.

Dessa forma, entendemos que o enunciado que propõe o uso de creme reafirma o discurso da indústria de produtos para cabelos cacheados, difundido na mídia. Compreendemos que o discurso, propagador do “efeito natural” para os cabelos cacheados, age sobre essa “naturalidade”, disciplinando os fios. Assim, o sujeito que ocupa esse discurso ora se posiciona contra o disciplinamento dos cabelos, ora a favor. Existem, portanto, nesses grupos de enunciados, duas posições de sujeito.

Nesse contexto, ressaltamos que, para Foucault (2014), o sujeito não é um indivíduo, mas um lugar onde se encontram as várias verdades de uma sociedade. Portanto, não podemos atribuir a ele o que está sendo dito, pois esse sujeito apenas repete um discurso que já foi proferido.

Foucault (2014, p. 115) orienta também que:

Não é preciso, pois, conceber o sujeito do enunciado como idêntico ao autor da formulação, nem substancialmente, nem funcionalmente. Ele não é, na verdade, causa, origem ou ponto de partida do fenômeno da articulação escrita ou oral de uma frase; não é tampouco, a intenção significativa que, invadindo silenciosamente o terreno das palavras, as ordena como o corpo visível de sua intuição; não é o núcleo constante, imóvel e idêntico a si mesmo de uma série de operações que os enunciados, cada um por sua vez, viriam manifestar na superfície do discurso. É um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes [...].

Nesses enunciados, observamos também que nas margens do que é dito podemos identificar discursos do presente e do passado, pois o grupo de enunciados, “Pq que você não alisa?”, “Tira o volume”, “Tá feio assim” e “Prende esse cabelo”, aponta para uma prática discursiva que exige um padrão para os cabelos: que o volume não é ideal, por isso os fios precisam ser modelados, mesmo que sejam cacheados. Já vimos que os discursos que preconizam um cabelo alisado foram criados e fortalecidos durante um longo período da história do negro no Brasil.

Em outro âmbito, o enunciado da parte inferior da publicidade, “Quando sua opinião for creme você me dá”, contesta os que exigem um padrão para os cabelos, porém, observamos uma aceitação da ideia de um padrão, que não é o liso, ao concordar com o uso de creme.

Entendemos que essas conexões são possibilitadas por aquilo que Foucault chama de *arquivo*. Para esse autor, o arquivo é formado por sistemas de enunciados que representam uma prática responsável pelo surgimento de uma multiplicidade de discursos. Sobre o arquivo, o autor afirma ainda que:

[...] entre a tradição e o esquecimento, ele faz aparecerem regras de uma prática que permite aos enunciados subsistirem e, ao mesmo tempo, se modificarem regularmente. É o sistema geral da formação e da transformação de enunciados. (FOUCAULT, 2014, p. 157)

O conceito de arquivo faz parte das concepções foucaultianas de história. Ele não é um conjunto de ideias organizado em blocos, como livros em uma biblioteca; pelo contrário, encontra-se disperso, mas auxilia na composição de um mesmo conjunto de enunciados, compartilhando, assim, o mesmo sistema de regras.

Nesse sentido, Foucault (2014) afirma que há no discurso um suporte histórico, que o considera como uma espécie de materialidade que permite ou proíbe sua realização. Lembrando que, na história concebida por esse estudioso, os acontecimentos não são registrados em uma sequência temporal sem interrupções. A história, para o filósofo, é formada por uma multiplicação de rupturas, em que um acontecimento é regido por normas de aparição, regras do que pode ser dito ou não.

Assim, concebemos que no arquivo constituinte do sistema de regras que possibilitaram a aparição dos enunciados anteriormente apresentados há a retomada de discursos que determinaram um padrão de beleza para os cabelos, e que o cabelo afro (cacheado) não condiz com esse padrão. Lembramos que a história retomada nesses enunciados não é a de registros da história tradicional, mas isso não significa que as práticas que se materializaram nesses discursos tenham ocorrido fora dela, pois observamos em capítulo anterior que o discurso que exclui os cabelos da mulher afro-brasileira do padrão de beleza dominante, em dado momento, foi consubstanciado no período da escravidão e reforçado com o surgimento da República.

Retomando aos enunciados da Figura 1, vimos que existe uma regularidade discursiva entre os enunciados da imagem apresentada e essa

regularidade é marcada pela ideia, sutil, de um disciplinamento, que podemos identificar nos imperativos “alisa”, “tira”, “prende”, que compreendemos como orientações para colocar no padrão, e o padrão é o liso “disciplinado”, na concepção do senso-comum.

Observamos nesses enunciados o exercício de uma prática discursiva na qual a ideia de disciplina denota o ideal de disciplinamento do corpo, conforme apresentado por Foucault (1999), assim como o ideal de beleza difundido desde o período da escravidão no Brasil. É possível perceber a ideia de disciplina na utilização do imperativo “prende” ou “alisa”, pois existe a intensão de controle, e o controle, para Foucault (1999), é uma das formas de conter, de disciplinar, de ajustar de acordo com as normas.

Ressaltamos que Foucault não faz menção ao disciplinamento dos cabelos em sua obra, mas afirma que o saber e o poder sobre o corpo determinam como este deve ou não se apresentar. Ainda de acordo com o filósofo, o poder sobre o corpo parece, às vezes, vacilar ou recuar, mas isso é um equívoco; ele apenas se desloca para investir em outros lugares, embora a batalha continue.

Nos próximos enunciados, vimos explicitamente a regularidade de um discurso que exige a disciplina dos cachos. Nesse âmbito, encontramos algumas redes de significações que retomam os adjetivos *disciplinados*. Vejamos os enunciados a seguir:

Figura 2 - Indisciplinados, volumosos e com frizz.

	
R\$ 247,90	R\$ 196,50 R\$ 153,50
3x de R\$ 82,63	3x de R\$ 51,17
Frete Grátis	
Máscara de tratamento para cabelos cacheados, indisciplinados volumosos. Trata, combate o frizz e define.	Kit de tratamento completo para cabelos ondulados, cacheados e crespos. Hidrata, modela e fixa os cachos.

Fonte: belezanaweb.com.br. Acesso em 17/7/2017.

Observamos que em meio aos discursos que promovem cabelos cacheados, sutilmente o poder disciplinar vai atuando por meio de enunciados ou de palavras que “surgem”, a exemplo do *anti-frizz*, que disciplina os cabelos da mulher afrodescendente. Chamam-se *frizz*, no Brasil, os fios arrepiados, que dão um aspecto desalinhado aos cabelos. Por isso, devem ser evitados, como pode ser observado em um dos anúncios da Figura 2 (Trata, combate o *frizz* e define) e no enunciado da figura 3 (Para cachos sem *frizz*), a seguir.

Porém, a palavra *frizz*, segundo Olinto (2008), no Novo Dicionário Ilustrado de Inglês-Português, significa: *cacho, ondulação, anel de cabelos frisados; encrespar ou frisar*. Nessa dimensão, compreendemos que se livrar do *frizz* é livrar-se dos crespos e dos cachos.

Notamos assim, que um poder disciplinar é exercido sobre os usos dos cabelos cacheados por meio de palavras, já que os seus significados remetem ao que é alinhado, não “rebelde”. Se a ideia de “indisciplinado” é referente ao cabelo que deve ser dominado, o termo “combate”, em enunciados dos sites voltados para o cuidado dos cabelos cacheados, liga-se ao cabelo que não pode ser volumoso, pois o volume dá um efeito “inadequado” aos fios.

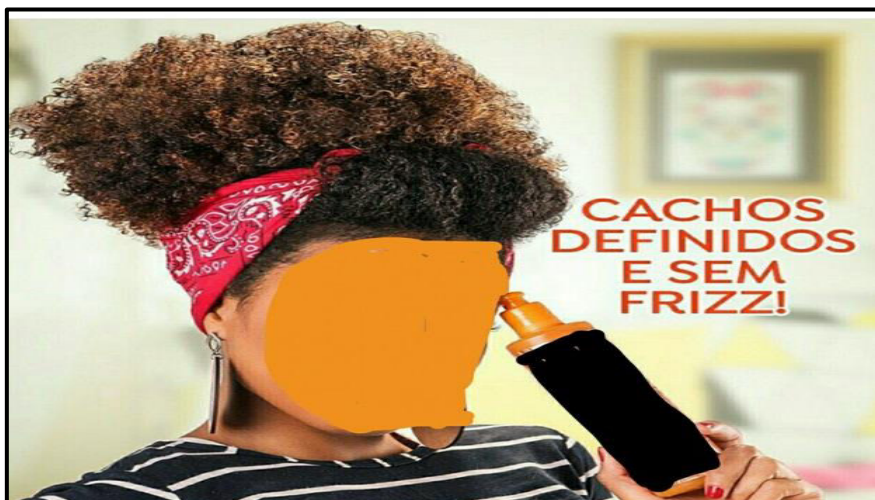
Dessa forma, supomos que a palavra é aplicada como um eufemismo, pois, *frizz*, na língua inglesa, idioma de origem do vocábulo, refere-se a cabelos anelados, frisados, formas que o produto tenta apagar. Sobre esses efeitos de ressignificação, podemos notar a operação de um micropoder, que, nas palavras de Foucault (1999, p. 120), refere-se a:

Pequenas astúcias dotadas de um grande poder de difusão, arranjos sutis, de aparência inocente, mas profundamente suspeitos, dispositivos que obedecem a economias inconfessáveis, ou que procuram coerções sem grandezas [...]. Astúcias, não tanto de grande razão que trabalha até durante o sono e dá um sentido ao insignificante, quanto da atenta “malevolência” que de tudo se alimenta. A disciplina é uma anatomia política do detalhe.

Entendemos que a utilização de uma palavra de língua inglesa camufla o usual sentido do discurso, que seria o de rejeição aos cabelos com aspectos arrepiados, desalinhados.

Na propaganda a seguir, observamos que, somados à ação de um micropoder, alguns enunciados se referem aos cabelos cacheados, no entanto, são acompanhados da imagem de um cabelo crespo⁸. Vejamos:

Figura 3 – Cachos definidos e sem frizz.



Fonte: Google imagens. Acesso em 17/08/2018.

Vimos que a imagem mostra um produto⁹ que define os cachos e elimina o *frizz*, expressão usada para se referir aos cabelos arrepiados, conforme já explicado. Contudo, os cabelos mostrados têm características de crespos, embora sejam denominados cacheados. Isso faz pensar que ainda existe um meio termo entre o liso e o crespo, ou seja, algumas marcas ainda preferem tratar o cabelo afro apenas como cacheado, e um cacheado definido, pois apesar da promoção desse tipo de cabelo, o discurso sugere que os fios não podem ser apresentados de qualquer jeito e que o produto é a solução para eliminar os fios arrepiados, dando-lhes a forma ideal.

Analisando o emprego desses “signos” linguísticos, atestamos que o poder disciplinar está infiltrado e pulverizado nas mínimas práticas do cotidiano. Por isso, o sujeito não percebe, na maioria das vezes, que é modelado, vigiado, levado a assumir uma subjetividade que é pertinente ao poder manter. Consoante Ortega (2007), não se sabe o que se sente como sujeito disciplinado; “os corpos disciplinados não parecem sentir medo, frustração, dor, vergonha, humilhação, infelicidade ou ansiedade”. Talvez porque a ideia de

⁸ Cabelos com minúsculas ondas de tamanhos diversos.

⁹ Preferimos omitir o nome do produto por questões de privacidade da marca.

disciplina seja entendida como uma norma positiva a se seguir, ou seja, obedecer às disciplinas é um feito aceitável socialmente.

Outra palavra que entendemos expressar uma imposição à disciplina dos cabelos é *controle*, encontrada em muitas publicidades de cremes para pentear ou hidratar, conforme o anúncio a seguir:

Figura 4 - Definição e controle.

Shampoo 240ml	R\$ 27,90 R\$ 24,90
R\$ 40,90 R\$ 28,90	Condicionador para cabelos cacheados a crespos. Hidrata profundamente e define, enquanto controla o volume.
Shampoo para cabelos cacheados, crespos e ondulados. Define, controla o frizz, nutre e hidrata.	

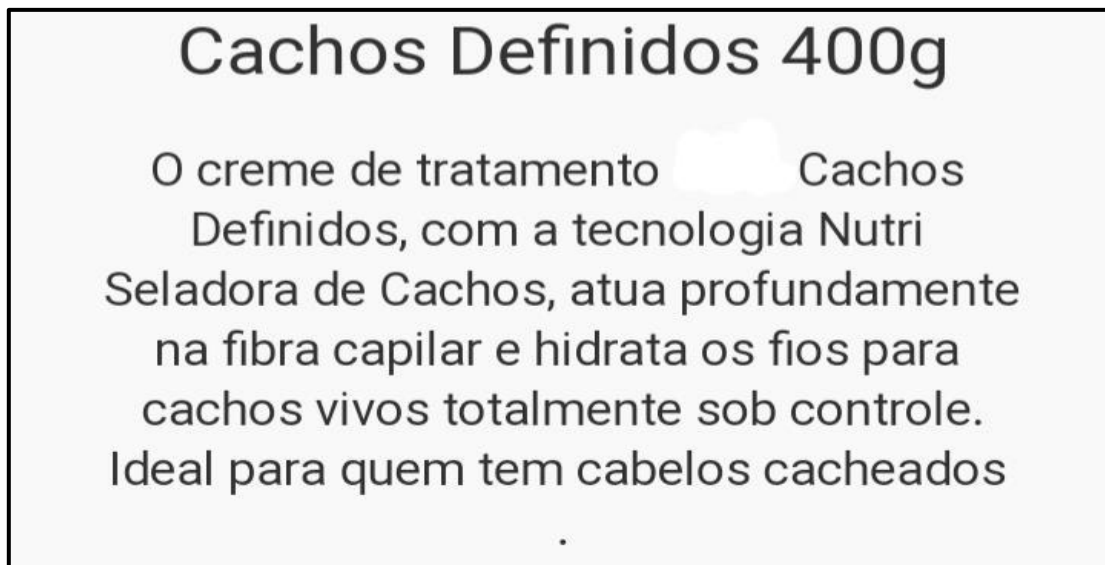
Fonte: belezanaweb.com.br. Acesso em 17/7/2017.

Nesses enunciados, cabe analisarmos a palavra “controle” em consonância com a ideia de controle, proposta por Foucault (1999). O ideal de “controle” foi encontrado em uma série de enunciados pesquisados, e observamos que essa perspectiva vem sempre acompanhada de outros termos que reforçam esse controle, dentre estes o de definir.

Controlar, nesse contexto, é não permitir que os cabelos apareçam avolumados, com um aspecto ressecado. Controlar os cabelos é não permitir o aumento do volume.

Entendemos que a imposição do controle dos cachos se aproxima das discursividades que propõem como padrão de beleza o aspecto liso dos fios. Dentre as palavras utilizadas para a indústria ou a mídia promover o controle dos cachos, temos “definição” e “selagem”, encontradas na publicidade a seguir.

Figura 5 - Cachos definidos e controlados.



Fonte: <https://www.seda.com.br/hair-produts/creme-de-tratamento/creme-de-tratamento-seda-cachos-definidos-400g.html>. Acesso em 17/08/2018.

A selagem¹⁰ é um tratamento que age nos cabelos, selando as escamas, aderindo-as ao fio. Essas escamas são responsáveis pelo aspecto arrepiado dos cabelos, por isso, é comum encontrar esse termo em produtos para cabelos que “necessitam” de uma definição, de um alinhamento. E mais uma vez notamos a ideia de *controle* inserida nos anúncios que acompanham esses produtos, na expressão “cachos vivos totalmente sob controle”.

Ainda nesse enunciado, notamos a utilização da expressão “cachos vivos”, como uma retomada da ideia de que os cabelos afros não possuem brilho, por ter na aparência uma textura ressecada, como uma folha despendida de uma árvore. No senso-comum, o cabelo que não tem brilho é considerado um cabelo sem vida, e o que não tem vida não tem beleza.

Portanto, não basta ter um cabelo “controlado”, com cachos “definidos”, é preciso que os fios tenham uma aparência “sedosa” ou “brilhosa”. Sabemos que a seda é uma fibra utilizada para a confecção de roupas, considerada uma das matérias-primas mais caras, devido ao aspecto de leveza, brilho e maciez que dá às roupas. Esses aspectos são também exigidos na apresentação dos cabelos, por isso, entendemos que a analogia entre o aspecto dos cabelos e a

¹⁰ Conforme o site *minhavidacom.br*, a selagem é um tratamento à base de queratina que tem a função de fechar as cutículas do fio, para recuperar a saúde dos cabelos, trazendo mais disciplina, hidratação, resistência e brilho.

seda é feita com base na semelhança entre o brilho dos fios lisos e os tecidos produzidos pela fibra, e isso reforça ainda mais a superioridade dada aos cabelos lisos em detrimento aos cabelos cacheados.

Observemos o próximo enunciado.

Figura 6 - Cachos brilhosos e sedosos.



Fonte: *Google imagens*. Acesso em 14/07/2017.

Constamos que muitos são os produtos para mulheres afros que garantem uma textura sedosa aos cachos. Esse discurso tem feito parte do imaginário das mulheres brasileiras desde o período colonial, como vimos no capítulo sobre as técnicas de alisamento, pois um dos objetivos das práticas de alisamento era não somente a “leveza” dos fios, mas também a aquisição de brilho, que não é característico do cabelo cacheado. Atualmente, vimos que a promoção dos cabelos cacheados não eliminou os discursos que defendem o brilho dos cabelos. Os cacheados “perfeitos” precisam ter brilho. Gomes (2006) afirma que o desejo em ter um cabelo cacheado existe porque “no imaginário do brasileiro, é possível que uma mulher negra de cabelo liso ou cacheado, quer seja natural, quer seja artificial, deixe de ser classificada como ‘negra’”.

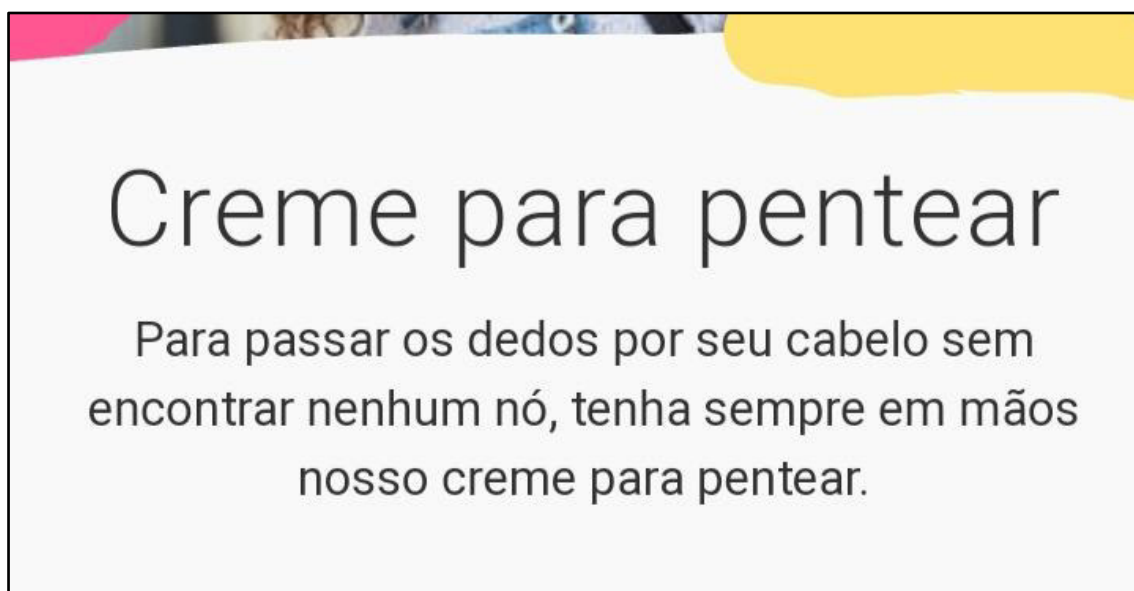
Refletindo sobre os estudos de Foucault, percebemos que “todo enunciado abarca um campo de elementos enunciativos que o antecede” (VOSS & NAVARRO, 2013, p. 96), o que nos reporta à retomada de discursos de controle sobre o corpo do negro brasileiro, que atravessaram a História do

Brasil. Os enunciados até aqui analisados sinalizam um deslocamento discursivo de um passado para o momento presente, que comungam da mesma formação discursiva de exigência para um padrão de beleza de base europeia.

Outra exigência feita para uma “boa aparência” dos cabelos cacheados é o desembaraço. Por isso, encontramos nas mídias digitais muitos produtos que prometem esse efeito. De acordo com o padrão dos cabelos lisos, cabelos embaraçados não são vistos com bons olhos. O aspecto emaranhado dos cabelos sugere imperfeição, desalinhamento, indisciplina, sujeira.

Além desse aspecto, ressaltamos que os cabelos embaraçados da mulher afrodescendente muitas vezes foram comparados às esponjas de aço para lavar louças. Era muito comum ouvir, tempos atrás, a expressão “cabelo de Bombril”, como uma referência ao emaranhado de fios da palha de aço. O fato é que os cabelos embaraçados se tornam desafiadores para as mulheres de cabelos cacheados, que acabam tendo que dispor de um longo tempo para desembaraçar os fios. Nesse sentido, analisemos o próximo enunciado.

Figura 7 - Cachos sem nós.



Fonte: <https://www.seda.com.br/hair-produts/creme-para-pentear.html>. Acesso em 17/7/2017.

O enunciado “Para passar os dedos por seu cabelo sem encontrar nenhum nó” parece a oferta de um sonho a ser realizado, pois uma das maiores dificuldades em manusear os cabelos cacheados é causada pelo

embaraço dos fios. A mulher afrodescendente geralmente leva muito tempo nesse processo, que na maioria das vezes lhes causa desconforto e dor. Dessa dificuldade surge a expressão “lidar com os cabelos”. De acordo com Gomes (2006), a palavra “lida”, utilizada em meio aos grupos afrodescendentes no Brasil, tem significado histórico. A autora frisa que “é preciso pensá-la associada a experiências específicas dos negros da diáspora, cuja ideia de labuta, sofrimento e fadiga parecem estar associadas a um passado escravista”. Para Gomes (2006, p. 253):

Essa “lida” também se expressa quando a busca de uma transformação se apresenta vinculada ao sofrimento quase insuportável de ter um cabelo que não possui a mesma textura nem o mesmo aspecto que o cabelo liso. Este último, quando tomado como referência, passa a ser considerado forte complemento do padrão de beleza brasileiro.

Assim, a ideia de “lida” também está relacionada ao trato com os cabelos. Com base nessa ideia, os cremes para pentear aparecem de modo a resolver o problema da “lida”, haja vista que a mulher moderna, que trabalha fora de casa, não tem mais tempo para passar horas “lidando” com os cabelos, horas desembaraçando-os para poder sair às ruas, para não ter que se apresentar com os cabelos fora do padrão. Nesse processo de *lida*, Gomes (2006, p. 256) entende que:

A história do negro e da negra brasileiros com o cabelo se dá no cerne de uma constante “lida” em redefinir e reconstruir uma representação estética repleta de riqueza e significado, entretanto, construída no contexto da dominação, da escravidão, da desigualdade social e racial. É nessa “batalha” que o negro constrói a sua identidade com força e coragem, mas sempre diante da possibilidade tensa e contraditória de tomar o branco como único modelo de beleza e de humanidade.

Nesse contexto, observamos as fortes relações entre a história do negro no Brasil e os enunciados até aqui apresentados. O *a priori* histórico desses enunciados está sempre suscitando uma retomada de momentos que marcaram relações conflituosas das mulheres afrodescendentes com o próprio cabelo. Apesar de tentar aceitar os cabelos naturais, muitas mulheres ainda recorrem a produtos que facilitem o manuseio que permita a aparência de um cabelo mais próxima à dos cabelos lisos, com o intuito de adquirir a “beleza”

exigida. Retomando as palavras de Foucault (2014, p. 120), entendemos que o enunciado, “de início, desde sua raiz, ele se delinea em um campo enunciativo onde tem lugar e status, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual”.

No contexto da retomada histórica, outra expressão semelhante à ideia de lida é a de “luta”. A “luta” das mulheres afrodescendentes para ter um cabelo aceitável é histórica. Isso pôde ser evidenciado nos recortes históricos apresentados nos capítulos anteriores, que apresentam momentos em que essas mulheres passam por alguns processos de aceitação dos cabelos, mas são longos os períodos de rejeição. São nos processos de rejeição que as “lutas” para camuflar a textura dos cabelos afros são travadas com mais sacrifícios, pois exigem maior dedicação e tempo. Para Gomes (2006, p. 210):

[...] para o negro, e mais especificamente o negro brasileiro, esse processo não se dá sem conflitos. Esses embates [...] podem expressar sentimentos de rejeição, aceitação, ressignificação e até mesmo de negação do pertencimento étnico/social.

A pesquisadora supramencionada compreende também que a manipulação do cabelo é uma técnica corporal e um comportamento social existente nas mais diversas culturas. Com o conhecimento desses fatos, a indústria se apropria desses sentimentos e, por meio da mídia, oferece soluções para “ajudar” a diminuir os “sacrifícios” das mulheres afrodescendentes com a manipulação dos cabelos. Essas soluções estão bem evidentes no seguinte anúncio, que promete facilidade no pentear dos cabelos.

Figura 8 - Cabelos embaraçados.



Hidratação Antinós

Chegaram ao fim as longas horas
lutando contra os cabelos
embaraçados – pentear o cabelo
finalmente ficou fácil.

Fonte: <https://www.seda.com.br/hair-produts/creme-para-pentear.html>.
Acesso em 17/7/2017.

A expressão “lutando contra os cabelos”, nesse contexto, sugere a ideia de que as mulheres de cabelos cacheados precisam batalhar para colocar os cabelos em um padrão determinado. Lutar para combater algo difícil de ser domado, algo considerado “ruim”, por isso a sugestão de uso diário dos cremes para pentear. No enunciado a seguir, veremos também que a indicação do tempo da ação dos produtos é uma estratégia discursiva para conquistar as consumidoras que têm cabelos cacheados, pois promete longa duração da textura ideal deixada pelos cosméticos utilizados.

A partir da ideia de “luta”, encontramos nesses enunciados a formação discursiva do negro afrodescendente atravessada pelo discurso do eurodescendente, ou vice-versa. A mulher negra, em especial, tenta lidar com os cabelos com o menor sacrifício possível, pois a manipulação pode causar

dor no couro cabeludo. Mesmo usando os cabelos naturais, sem produtos alisantes, a maioria busca recursos para não se distanciar tanto do padrão exigido, utilizando cremes para pentear, por exemplo. Assim, reafirmam o discurso que idealiza o alinhamento dos fios. Nessa perspectiva, analisamos os anúncios a seguir.

Figura 9 - Cachos definidos.



Fonte: belezanaweb.com.br. Acesso em 17/7/2017.

Observamos que o enunciado oferece “cachos hidratados e definidos por 24h”. Quem tem os cabelos cacheados sabe que a “lida” para os manter “domados” é diária, pois a maioria dos cremes atua na diminuição do volume por apenas algumas horas ou até mesmo alguns minutos, exigindo que a mulher afrodescendente faça a aplicação de cremes por várias vezes ao dia. Por isso, o produto acima garante os cachos hidratados por 24h, ou seja, essa mulher não precisa gastar muito tempo aplicando cremes nos cabelos, e “ganhar tempo” é tudo o que se precisa no mundo moderno.

Observamos, nessas análises, que muitos discursos são aparentemente inocentes e que parecem valorizar os aspectos estéticos dos cabelos cacheados. Contudo, até aqui temos observado também que uma ou outra palavra está permeada por elementos que tendem a inferiorizar esses

aspectos. Vejamos mais um anúncio em que os enunciados, ao mesmo tempo em que promovem, também inferiorizam os cabelos cacheados.

Figura 10 - Cachos “comportados” e definidos.



O umectante capilar é famoso entre as cacheadas/crespas, pela ação potente e o preço bem acessível. Trata-se de um creme sem enxágue que promete amaciar, dar brilho e hidratar o cabelo.

É um creme bem consistente, mas é possível usar óleos para um aspecto mais leve para o cabelo. Ele proporciona cachos comportados e bem definidos.

Fonte: <https://www.dicasdemenina.com.br/melhores-cremes-para-cacheados/>.

Acesso em 17/7/2017.

A primeira evidência de um discurso que retoma a inferiorização dos cabelos cacheados pode ser percebida no emprego da palavra “potente”, pois, de acordo com as retomadas históricas apresentadas nos capítulos anteriores desta dissertação, o cabelo da mulher afrodescendente sempre foi considerado um cabelo duro, sem movimento, assim, a potência do creme serve para “amolecer” esses cabelos. Compreendemos que a ideia de amolecer os cabelos pertence ao discurso do padrão liso dos cabelos, que tem como parâmetro os cabelos que brilham e balançam.

Nesse mesmo contexto, tomamos a palavra “amaciar”, que remete à textura áspera dos cabelos afros, chamados muitas vezes de Bombril. Essa aspereza “precisa” ser eliminada, assim, entendemos que o produto propicia um cabelo macio, que não cause desconforto ao ser tocado. “Amaciar” também

pode significar, nesse contexto, “domar”, “colocar no lugar certo”, pois um cabelo macio é um cabelo “obediente”.

Outra expressão que podemos associar à ideia de “domar” os cabelos é “creme bem consistente”. Para “amolecer” os cabelos afros, não pode ser usado qualquer creme; é preciso que seja um produto consistente, para penetrar bem nos fios e fazer com que os dedos escorreguem, possibilitando o aspecto de “moleza”. Só um creme consistente/forte seria capaz de “dominar” esse tipo de cabelo. Gomes (2006, p. 291), afirma que:

[...] a textura “menos crespa” do cabelo é vista na cultura como fruto da mistura racial, ou seja, ela atesta a presença do branco na conformação do corpo negro. É garantia que estamos diante de alguém que já “subiu” alguns degraus na escalada rumo ao branqueamento.

O enunciado “aspecto mais leve” também entra na concepção de “moleza”, pois faz os cabelos balançarem, e cabelos que balançam demonstram leveza. O balançar dos cabelos, como já vimos anteriormente, é uma característica dos cabelos lisos. Por isso, muitas mulheres decidem alisar os cabelos, justamente para obter esse balanço, que socialmente é considerado como expressão de beleza. Ribeiro (2016) entende que o padrão normativo conhecido pelo “cabelo bom”, pelo “cabelo que balança”, liga-se ao fato de o cabelo ser “parte do corpo, e balançar o cabelo é mais que uma técnica, é uma representação social de determinada manifestação simbólica”.

E finalizando, a proposta de “domar” os cabelos cacheados é reforçada pelas expressões “cachos comportados e bem definidos”. Não se pode aparecer com os cabelos de qualquer jeito; como uma criança quieta, os fios precisam estar comportados, sem fazer “alvoroço”, cada fiozinho em seu lugar. Os cachos, portanto, precisam seguir uma linha de definição, enrolados, mas com anéis bem definidos. A “definição” dos cachos é uma discursividade encontrada em muitos enunciados coletados nos sites investigados. Geralmente vem associada a outros campos discursivos, outros dizeres que retomam formas dos cabelos afros, que puderam ser observados no seguinte exemplo:

Figura 11 - Cacheados “secos”, “danificados” e “rebeldes”.

	
R\$ 471,80 R\$ 313,80 3x de R\$ 104,60	R\$ 171,80 R\$ 115,80 2x de R\$ 57,90
Frete Grátis Kit para cabelo cacheados e crespos, tamanho salão. Fórmula ultra-hidratante que deixa os cachos definidos.	Kit para cabelos secos, ondulados e danificados. Limpa, auxilia na nutrição e restaura cachos rebeldes.

Fonte: belezanaweb.com.br. Acesso em 17/7/2017.

Os produtos do lado esquerdo da imagem prometem uma “ultra-hidratação”. A promessa dessa “ultra-hidratação” nos leva a ter o mesmo entendimento sobre a “potência” do produto mostrado anteriormente, pois o amolecimento dos fios só é possível se o produto for capaz de penetrar nos fios, considerados rebeldes. E a rebeldia é apresentada nos enunciados que acompanham os produtos do lado direito da imagem, na expressão “restaura cachos rebeldes”. No senso-comum, toda forma de rebeldia precisa ser contida, por isso, a analogia em relação aos cabelos afros. Os cabelos “rebeldes” teimam em não obedecer à forma alinhada dos fios.

Outro “problema” apresentado por esse tipo de discurso, e que precisa ser “combatido” pelas mulheres de cabelos cacheados, é o volume. Muitos produtos são oferecidos para diminuir ou eliminar o aspecto volumoso dos cabelos da mulher afrodescendente, pois pelo padrão clássico de beleza, os cabelos bonitos não devem apresentar volume. Vejamos o seguinte:

Figura 12 - Cachos disciplinados e definidos.

R\$ 141,90 R\$ 106,90	R\$ 90,90 R\$ 74,90
2x de R\$ 53,45	
Leave-in para cabelos cacheados e crespos. Promove disciplina e definição com brilho, balanço e maciez.	Ativador de cachos para cabelos cacheados ou ondulados. Define os cachos de forma natural e reduz o volume.

Fonte: belezanaweb.com.br. Acesso em 17/7/2017.

Diminuir o volume dos cabelos é uma forma de aproximar-se do aspecto mais alinhado. Quintão (2013, p. 44) observa que, na década de 60, a moda dos cabelos volumosos estava em alta, mas manifestações contra a cultura hippie e do movimento Black começaram a combater essa tendência. Mesmo que os cabelos fossem naturalmente volumosos, “ele deveria ser liso e penteado de maneira que permanecesse ‘no lugar’”. Quem insistia em usar os cabelos livres e volumosos recebia o apelido de “juba de leão” ou cabelo de “ninho”. Quintão (2013, p. 46) informa ainda que:

[...], a partir de meados dos anos 90 já era possível observar a diminuição do volume dos cabelos exibidos. Na atualidade, é cada vez mais comum que cabelos de celebridades no Brasil e no mundo sejam lisos e com pouco ou nenhum volume.

Na vigilância da estética dos cabelos das mulheres afro-brasileiras, observamos que a indústria e a mídia demonstram “valorização” das características fenotípicas da cultura negra, mas, ao mesmo tempo, disciplinam a estética capilar dessas mulheres. Segundo Gomes (2008, p. 15), o cabelo é uma das marcas mais acentuadas das etnias no Brasil; é considerado uma linguagem que comunica e informa sobre as relações raciais.

Outros produtos elaborados para manter a disciplina dos cachos são os cremes de hidratação. De acordo com o discurso publicitário, servem para dar “vida”, brilho, maciez e flexibilidade aos fios. O propósito de disciplinamento dos fios é tão acentuado, que muitas vezes está “estampado” em muitos

rótulos e cartazes de venda de alguns desses produtos, que destacam “Cachos Disciplinados”.

Nesse cenário, é importante refletir que impor sanções sobre o corpo, segundo Foucault (1999), também é uma forma de punir. Punir, para esse autor, não é somente aplicar castigos que causam dor física, trata-se de repressões, por vezes, bastante sutis. No caso desta análise, verificamos que a punição pode ser estabelecida no momento em que o discurso de poder da cultura branca, por exemplo, se impõe diante da identidade do corpo negro, e obriga-o, de forma muitas vezes velada, a assumir uma identidade que não lhe pertence; uma identidade construída a partir dos preceitos da cultura do branco. Ainda sobre o poder, Foucault (2015, p. 278-279) considera que:

[...] em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que essas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso [...].

Foucault (1999, p. 161) também ressalta que “o indivíduo é sem dúvida uma realidade fabricada por uma tecnologia específica de poder que se chama ‘disciplina’”. Mas ele defende que é preciso deixar de ver sempre o lado negativo do poder, pois, apesar de excluir, reprimir, recalcar, censurar, esconder e mascarar, esse poder também constrói realidades. A respeito dessa subjetividade fabricada, Czermak e Silva (2004, p. 45) consideram

[...] uma subjetividade essencialmente fabricada, modelada, recebida e consumida que, por sua vez, ultrapassa os níveis da produção e do consumo e atinge o próprio inconsciente dos indivíduos. Isto quer dizer que tudo aquilo que acontece mesmo quando sonhamos, fantasiamos ou nos apaixonamos, são afetos produzidos, socialmente, pelo capitalismo moderno e estão diretamente relacionados com o modo dos indivíduos perceberem o mundo, de se “modelizarem” os comportamentos e de se articularem as suas relações sociais.

Em relação à estética do corpo, Braga (2015) reforça que os conceitos de beleza, que são construídos em um determinado momento histórico, desfazem-se em momentos seguintes. Porém, acrescentamos, com base nos fundamentos teóricos de Foucault (2015), que tais conceitos realmente se

ressignificam, mas são sempre construídos e conduzidos por poderes que garantem a manutenção das normas que disciplinam os corpos. Como acentua Foucault (1999, p. 132):

[...] o corpo composto de sólidos é comandado por movimentos, cuja imagem tanto povoara os sonhos dos que buscavam a perfeição disciplinar. Esse novo objeto é o corpo natural, portador de forças e sede de algo durável; é o corpo suscetível de operações especificadas, que têm sua ordem, seu tempo, suas condições internas, seus elementos constituintes. O corpo, tornando-se alvo dos novos mecanismos do poder, oferece-se a novas formas de saber [...].

Voltando ao papel que se inscreve em práticas discursivas da publicidade, no processo de disciplinamento dos cachos, reafirmamos que é por meio do discurso dessa ferramenta, muitas vezes aliada a canais midiáticos, que a cultura de disciplinamento dos cabelos é difundida e fortificada. Uma vez consolidada, essa cultura, segundo Lazzarotto e Rossi (2004, p. 18) “torna-se novos ‘Cavalos de Tróia’, dados como presentes, mas carregando dentro de si o veneno que contaminará as mentes e os corações de inúmeras populações, sem defesa e sem resistência”.

Para promover a disciplina dos cachos, consideramos que o poder inscrito na publicidade utiliza meios que levam a mulher de cabelos cacheados a aceitar, passivamente, o discurso de disciplinamento dos fios e ainda considere que seguir as instruções para isso seja o correto. Sob o contexto de poder sobre os corpos, Gomes (2006, p. 316) infere que:

Corpos negros e brancos, de homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e velhos sofrem leituras e interpretações distintas, de acordo com os contextos culturais, o processo histórico e as relações de poder.

Assim, supomos que as técnicas de disciplinamento dos cabelos cacheados – elaboradas pela indústria de beleza capilar e reforçadas pelo discurso publicitário, com todas as suas habilidades de persuasão – são aceitas e aplicadas por um número significativo de mulheres afro-brasileiras, caso contrário, não haveria uma variedade de oferta desses produtos. É uma estratégia discursiva que induz tanto à compra dos produtos, quanto ao desejo de adquirir uma desejável aparência. Não devemos esquecer que há o

interesse comercial subjacente e que esses enunciados utilizam do clamor das afrodescendentes para atrair suas consumidoras e tentar fazer entender que tais instituições são a favor de suas causas.

Até este ponto, constatamos que apesar de diferentes marcas, os enunciados coletados têm uma regularidade caracterizada pelo desejo de disciplinar os cabelos, de moldar os cabelos de acordo com um padrão, pois não há enunciado “neutro e independente, mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo”. (FOUCAULT, 2014, p. 120)

Outra expressão que sugere o sentido de disciplina e boa aparência e ainda suscita uma regularidade discursiva é o uso da palavra “perfeito”, presente em muitos comerciais de produtos para cabelos cacheados. Os discursos encontrados nas mídias digitais, aparentemente, apoiam o uso “natural” dos cabelos, mas são elas que determinam de que forma essa “naturalidade” deve se apresentar. Portanto, a mulher afrodescendente pode até usar os cachos, mas existem parâmetros, como observamos no enunciado do comercial a seguir.

Figura 13 - Cachos perfeitos.



Fonte: Google imagens. Acesso em 14/7/2017.

A marca em questão é uma das que mais produzem produtos para cabelos de mulheres afrodescendentes, porém, a modelo selecionada para promover a marca é uma mulher branca, com cabelos castanhos, quase ruivos,

com a textura dos fios mais próxima dos cabelos lisos. Então, entendemos que a imagem da modelo é usada como parâmetro de perfeição, ou seja, mesmo com os cabelos cacheados, quanto mais próximos da aparência da mulher branca esses cachos forem, mais “perfeitos” eles serão. Isso nos possibilita identificar uma ressonância do discurso do branqueamento, propagado no início da República Velha, que ainda ecoa numa dispersão de discursos sobre o uso dos cabelos cacheados. Conforme Quintão (2013, p. 81):

No Brasil, por muito tempo pareceu existir uma preferência da mídia – e, conseqüentemente da sociedade – por mulheres brancas, cabelos loiros e lisos, ainda que esse nunca tenha sido o fenótipo predominante em nossa população. Nos últimos anos, este cenário vem se alterando; a mídia parece buscar o uso de atores, atrizes e modelos de diferentes grupos étnicos. Contudo, as mensagens subliminares assim, deixam claro que a preferência estética da mídia continua sendo por uma beleza “relativamente branca”.

Segundo Gomes (2006), existem diversas formas de nomear os cabelos da mulher afrodescendente, e essa classificação reforça ainda mais a polarização entre liso e crespo. Entre o liso e o crespo está o cacheado, uma denominação que não indica nem liso nem crespo, possivelmente uma estratégia para fragmentar a etnia, pois a ciência determina que os cachos são herdados do crespo. Assim, de acordo com a pedagoga:

As muitas mediações usadas para nomear o cabelo na tentativa de fugir a essa polarização podem ser vistas como algo mais do que a criatividade do brasileiro e da brasileira para brincar e jogar com a presença da mistura racial inscrita no seu corpo. Elas revelam o ideal do branqueamento, a ambigüidade do mestiço e a crença na democracia racial, oscilando entre uma origem étnica da qual se deseja aproximar e uma outra que se deseja negar. (GOMES, 2006, p. 241)

Assim, supomos que no enunciado em tela, de alguma forma o discurso propagado na mídia tenta difundir esse ideal de branqueamento, colocando uma mulher branca como protagonista da cena, com cabelos cacheados, com a textura de cabelos lisos, de modo que aproxime as duas raças, a branca e a negra, mas que prevaleçam os parâmetros de beleza da primeira sobre a segunda. Conforme Cruz (2016, p. 96):

[...] a procedência racial e de classe, que no Brasil justificaram a dominação, fundamenta a construção do ideal de beleza cantando em prosa e verso como diversidade positiva e igualitária, fruto das três raças formadoras, mas que não se reflete na ocupação de espaços de poder, de representação na mídia ou colocação no mercado de trabalho [...].

Diante da exposição de enunciados sobre cabelos cacheados, podemos perceber que as palavras *Indisciplina*, *Controle*, *Definição*, *Rebelde*, e *Disciplina* são as mais recorrentes entre os textos coletados. O controle, na obra *Vigiar e Punir*, de Foucault (1999), aparece como um dos indicadores de vigilância do corpo social, pois, nas fábricas, a vigilância era aplicada como “operador econômico decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de produção e uma engrenagem específica do poder de disciplinar”.

Constatamos que tais discursos operam sobre uma verdade, no entendimento de que a verdade é centrada nas instituições que a produzem, e ela é, como diz Foucault (2015, p. 52), “submetida a uma constante incitação econômica e política”. De mais a mais, tal verdade

[...] é objeto de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão do corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social [...]. (FOUCAULT, 2015, p. 52)

Assim, percebemos que a “verdade” do discurso sobre cabelos cacheados tem operado constantemente na tentativa de convencer as mulheres afrodescendentes de que os cachos precisam ser disciplinados. Dessa forma, o discurso de verdade mantém o controle sob essas mulheres, ao mesmo tempo em que acaba projetando para elas constantes mudanças de identidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve por objetivo geral investigar regularidades discursivas em uma variedade de enunciados, na tentativa de fazer (re)aparecer formações de discursos de outras esferas. Para tanto, partimos da análise de enunciados relativos a cabelos cacheados que circulam em espaços de mídias digitais.

Nos resultados, observamos que quando o assunto é o corpo do negro afrodescendente, é inevitável não estabelecer relações com seu passado de escravidão, momento em que a sua imagem foi fortemente desqualificada.

Entendemos que os discursos de promoção dos cabelos cacheados não apenas apresentam estilos de cabelos para as mulheres, mas também estabelecem um controle e uma disciplina dos fios, por meio de técnicas de persuasão, que influenciam o desejo de conquista de uma aparência dos cabelos que é aceito individual e socialmente. Assim, ao mesmo tempo em que a indústria de cosméticos e a mídia promovem o uso dos cabelos cacheados, elas também ditam normas de como esses cachos devem ser apresentados, que expressam um desejo de se igualar fisicamente, tendo como referência os cabelos lisos.

Descobrimos que o campo publicitário, no qual as mídias são utilizadas para propagar um produto, comporta-se como um porta-voz do discurso da indústria cosmética, estabelecendo que, além de disciplinados, sedosos, brilhosos, os cabelos devem ter flexibilidade, devem balançar durante o caminhar ou com a ajuda do vento. Os cabelos que não têm movimento são geralmente caracterizados como “duros”, e não pertencem ao padrão de beleza, pois a pouca flexibilidade é característica biológica do cabelo do negro. Então, para resolver o “problema” do balanço, do “amolecimento” dos cabelos, a indústria de cosméticos investe fortemente em cremes para pentear, para dar ao cabelo um efeito flexível.

Diante dessas exigências, entendemos que os discursos de disciplinamento e de controle sob os cabelos da mulher afrodescendente brasileira surgem de uma verdade que tenta impor a superioridade de um grupo detentor de poder que atua em vários espaços sociais ao longo dos anos, tais como na política, na igreja, na escola. A verdade desse discurso concebe a

existência de uma raça detentora da beleza, em detrimento de outra dotada de feiura. Conforme Gomes (2016, p. 328), “tanto a beleza como a feiúra são dois julgamentos coletivos, cuja eficácia depende do consenso que geram”. Segundo essa autora, esse consenso “varia muito no decorrer do processo histórico, das relações políticas, de poder e de uma cultura para outra”. Entendemos, portanto, que a ideia de beleza é construída historicamente e dentro de um feixe de relações de poder.

Diante do exposto, foi possível perceber a história do cabelo cacheado a partir das concepções foucaultianas, pois, adotando o ponto de vista da Nova História, descrevemos os enunciados a partir de discursos que não são abordados pela história tradicional, a qual conta a trajetória do negro apenas como objeto de comércio, que sofreu muitos castigos físicos no passado, mas não trata dos conflitos que essa população negra enfrenta por causa de seus aspectos físicos, em especial em razão dos cabelos.

Foi possível entender também que não se pode atribuir a emergência dos enunciados sobre cabelos cacheados a partir de um único acontecimento, mas sim da relação entre acontecimentos, localizados na história do negro afrodescendente. Assim, descobrimos que existe nos enunciados coletados uma regularidade discursiva que leva à mesma formação de discurso, aquele que suscita a inferiorização dos cabelos da mulher afrodescendente e que, ao mesmo tempo, exalta os cabelos lisos de mulheres de ascendência europeia; um discurso de padronização de beleza e determinação da feiura.

Nesse sentido, compreendemos que a emergência de enunciados que trazem à memória práticas de exclusão do corpo negro, por meio de discursos discriminatórios e racistas, explica a articulação que esse corpo tem com a história. Entendemos, portanto, que o discurso de exaltação dos cabelos cacheados é atravessado pela mesma formação discursiva em que esses cabelos são concebidos como incompatíveis com os padrões de beleza.

Com base no pensamento de Foucault (2015), que entende ser a emergência de enunciados uma “entrada em cena das forças; é sua interrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro, cada uma com seu vigor e sua juventude”, constatamos também que os enunciados que promovem os cabelos cacheados podem se configurar em uma positividade, pois o discurso de valorização dos cabelos com cachos sai do

anonimato, ou seja, “salta dos bastidores para o palco”, emerge de um lugar de inferioridade para uma “exaltação”, parecendo estabelecer uma alternância de lugares entre dominadores e dominados.

Concebemos, assim, que todas essas formas de dominação são balizadas por discursos que emergem a partir de práticas sociais, que criam um universo de regras, não destinado a amenizar conflitos, mas a alimentar e satisfazer os detentores do poder.

Essas afirmações de Foucault (2015) foram bastante úteis para analisarmos os conflitos de poder demarcados em enunciados que promovem os cabelos cacheados. Observamos nos enunciados selecionados memórias que resistem ao discurso do passado, que abateram os cabelos afros em detrimento dos cabelos lisos. Consoante a Foucault (2015, p. 70), “as diferentes emergências que se podem demarcar não são figuras sucessivas de uma mesma significação; são efeitos de substituição, reposição e deslocamento, conquistas disfarçadas, inversões sistemáticas”.

Percebemos que, à medida que ocorrem essas diferentes emergências discursivas, o sujeito projeta para si diferentes identidades. E diante da variedade discursiva que em cada momento da história exige mudanças na estrutura dos cabelos das mulheres, em especial os das afrodescendentes, vimos que tais discursos projetam a mudança de identidade dessas mulheres, pois ora usaram cabelos alisados, ora estilo *black power*, e agora cacheados, mas não é qualquer cacheado, é um cacheado definido, disciplinado, que brilha e balança.

Quanto às oscilações de identidade, Hall (2014, p. 52) define que estas ocorrem por um processo de tradução, conceito que descreve formações de identidades que “atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal”. Nesse processo, o sujeito de uma diáspora é obrigado a renunciar suas origens; ele está sujeito a todas as mudanças culturais exigidas, principalmente, no mundo globalizado, em que o contato entre cultura é intensificado.

Assim, a identidade da mulher afrodescendente tem se tornado cada vez mais fragmentada, pois tal mudança é exigida por um poder discursivo forte e atuante em todos os espaços. Dessa forma, entendemos que a fragmentação identitária dessa mulher demonstra um poder discursivo e sua

vontade de verdade que operam por meio de discursos, em especial os propagados pela mídia digital, via internet.

Assim, analisamos uma série enunciativa que promove cabelos cacheados; buscamos entender normas de beleza dos cabelos produzidas em enunciados verbais e, em alguns momentos, não verbais; também articulamos alguns estudos de Michel Foucault (1999) a respeito da história, do poder disciplinar e sua inscrição nos corpos dos indivíduos e discursos.

Em Gomes (2006), Lopes (2011), Freyre (2006), Santos (2012), Quintão (2006), Braga (2015) e outros autores vimos que o corpo pode ser ordenado em suas diferentes dimensões, entre elas, o cabelo. Assim, percebemos que práticas sociais – discursivas e não discursivas – que definem o que é um cabelo bonito não fogem da articulação entre disciplina, poder e corpo.

Percebemos também que na atualidade a indústria de cosméticos capilar e a publicidade se assemelham a um grande “laboratório de manipulação do comportamento humano”, expressão usada por Guareschi (2004), pois tentam produzir sentimentos e valores, valendo-se das frustrações e inseguranças que os indivíduos adquirem, historicamente, perante a exigência social de perfeição do corpo.

Nesse sentido, consideramos que os enunciados de produtos para cabelos cacheados tentam incitar na mulher afrodescendente o desejo de aceitação, de encantamento, de sedução, de conquista do padrão exigido. Assim, concebemos que discursos propagados na mídia representam discursos de controle social que buscam construir o tipo ideal de consumidor, conduzindo a normas de comportamento, operando na vida cotidiana, disciplinando a visão de mundo dos indivíduos e sua existência.

Constatamos que o disciplinamento dos cabelos de mulheres afrodescendentes se pauta em discursos que, em suas margens, sugerem que a forma natural dos cabelos cacheados não é ideal, é inferior, e, portanto, deve ser reestruturada, caso contrário, as mulheres com esse tipo de cabelo – e que não seguem as “orientações” da indústria de cosméticos – correm o risco de serem rejeitadas pela sociedade. Esse disciplinamento age com base em uma memória, ainda muito viva na cultura brasileira, que propõe como referência

adequada de beleza capilar as formas dos cabelos lisos, principalmente do liso de matriz cultural branca.

A partir desses pressupostos, entendemos que a mídia, em especial o setor publicitário, nos últimos anos, tornou-se um dos instrumentos mais reguladores do comportamento humano. Essa instância, como um quarto poder, ajuda a disciplinar os corpos, a construir e reconstruir identidades para os sujeitos. Isso, graças ao desenvolvimento tecnológico, que propiciou um maior acesso às informações, possibilitou a interação de grupos sociais distintos e de povos de diferentes culturas.

Diante do exposto, observamos que enunciados que propõem uma aparência ideal aos cabelos cacheados estão entrelaçados por discursos que projetaram um valor negativo para a aparência do negro afrodescendente. Vimos que a formação dessa imagem negativa tem um histórico, pois constituiu-se, entre outras razões, com a contribuição do discurso da ciência que, conforme Freyre (2006), determinou a inferioridade do negro em relação ao branco por meio da medida do crânio.

Além da ciência, as crenças também inferiram na concepção de que a pele negra está associada ao mal. Assim, todos esses julgamentos negativos se estendem para o corpo do negro, e, conseqüentemente, atingem os cabelos, pois observamos que a prática de manipulação dos cabelos é reforçada por discursos de “verdades” que impõem uma perfeição dos fios. O discurso de “perfeição” e da “boa aparência”, difundido em mídias digitais, na atualidade, não “vê” beleza nos cabelos do afrodescendente, em especial nos da mulher, a não ser que estejam “controlados”, “disciplinados”, por algum tipo de produto. Não por acaso, nos anúncios analisados a maioria é constituído por palavras que configuram um campo semântico voltado para a disciplina, dentre essas: controlar, definir, modelar, combater.

Assim, percebemos a regularidade de um discurso que tem colocado o sujeito afrodescendente num lugar periférico; uma regularidade no desejo de “melhorar” esteticamente a aparência desse sujeito, para estar em consonância com o modelo eleito como padrão de beleza. Trata-se de uma regularidade discursiva que almeja sempre controlar os sujeitos por meio de uma ação disciplinar. Ressaltamos que essas regularidades não são percebidas dentro do objeto, mas nas suas bordas. Ademais, podemos dizer que essas

regularidades não definem a constituição interna do objeto, mas elas permitem “aparecer, justapor-se a outros objetos em que se estabelecem uma relação de semelhança, de vizinhança” (FOUCAULT, 2014, p. 55).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lady Christina. Autonomia e Protagonismo: a experiência de intelectuais/ativistas negras brasileiras. In.: **O Movimento de Mulheres Negras: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil**. Belo Horizonte: Nadyala, 2014. p. 91-122.

BRAGA, Amanda Batista. **A mídia impressa na promoção de discursos sobre políticas de igualdade racial: o negro e a revista *raça***. 2008. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Universidade de São Carlos: EdUFSCar, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/5663>. Acesso em: 10 out. 2017.

BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

CARVALHO, Nelly. **O texto publicitário na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2014.

CORREIO, Christian Fernando Ribeiro Guimarães Vinci. **Michel Foucault: a genealogia, a história, a problematização**. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/download/980/1721>. Acesso em: 10 mar. 2019.

CRUZ, Cintia. Relatos de uma etnografia não autorizada no Instituto Beleza Natural. In.: **Beleza negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

CZERMAK, Rejane; SILVA, Rosane Azevedo Neves da. **Comunicação e controle social**. 6 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

DEBANS, Alvarez. **Mídia e publicidade: impacto nos cinco sentidos**. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/CSO/article/viewFile/4252/3952>. Acesso em: 25 mai. 2018.

FERNANDES, Hidália. Escritos negros femininos sobre Orí e Irun (cabeça e cabelo) e Obínrin Dúdí (mulheres negras) pertencentes a comunidades de terreiro: aprendizagens e ensinamentos “da porteira para dentro”. In.: **Beleza negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção**. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas 2009.

FIGUEIREDO, Ângela. Beleza pura: símbolos e economia ao redor do cabelo do negro. In.: **Beleza negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

FIGUEIREDO, Ângela; CRUZ, Cintia. Representações sobre o cabelo, corpo e identidade das mulheres negras. In.: **Beleza negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2014.

_____. **Microfísica do Poder**. Organização, revisão e introdução técnica: Roberto Machado. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUARESCHI, Pedrinho A. A realidade da comunicação: visão geral do fenômeno. In: _____. (Org.). **Comunicação e controle social**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. cap.1.

GUAZINA, Liziane. **O conceito de mídia na comunicação e na ciência política**: desafios interdisciplinares. jul. - dez. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/2469>. Acesso em: 15 mar. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LAZZAROTTO, Gisley Romanzini; ROSSI, Janete Schaeffer. **Comunicação e controle social**. 6 ed. Petrópolis/RJ:Vozes, 2004.

LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. **Beleza e ascensão social na imprensa negra paulistana**. 6. ed. São José: Premier, 2011.

NASIASENE, Alberto. **O racismo à brasileira na música popular**. Disponível em: <http://www.rotaliteraria.com/2012/03/o-racismo-brasileira-na-musica-popular.html> . Acesso em: 28 dez. 2017.

NAVARRO, Pedro. **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006.

OLINTO, Antonio. **Novo Dicionário Ilustrado de Inglês: Inglês-Português, Português-Inglês**. 1. ed. São Paulo: DCL, 2008.

ORTEGA, Francisco. O corpo em Foucault: entre o construtivismo e fenomenologia. In.: **A saúde em debate na educação física**. 1. ed. Ilhéus: UESC, 2007. p. 39-75.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria; **Nova história das mulheres no Brasil**. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

QUINTÃO, Adriana Maria Penna. **O que ela tem na cabeça?**: um estudo sobre o cabelo como performance identitária. 2013. 197 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal Fluminense: Niterói/RJ, 2013. Disponível em: http://ppgantropologia.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/16/2016/07/O-QUE-ELA-TEM-NA-CABECA_-Um-estudo-sobre-o-cabelo-como-performance-identitaria.pdf. Acesso em: 15 out. 2017.

REIS, Vilma. Trazemos na cabeça: mulheres negras, traduzindo códigos de afirmação pelos cabelos. In.: **Beleza negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

RIBEIRO, Denize. História de mulheres negras e seus cabelos poderosos. In.: **Beleza negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

SANTOS, Elaine de Moraes; ROMUALDO, Edson Carlos. **A produção de um efeito de copresença Lula-Dilma no discurso político-midiático de seminários brasileiros em 2010**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v61n2/0002-5216-alfa-61-02-0283.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2018.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do “ser negro”**: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SANTOS, Patrícia. **A história do alisamento através das décadas**. Disponível em: <https://revistacabelos.com.br/a-historia-do-alisamento-atraves-das-decadas/>. Acesso em: 5 jan. 2018.

SILVA, Joselina. I Encontro Nacional de Mulheres Negras: o pensamento das feministas negras da década de 1980. In.: **O Movimento de Mulheres Negras: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil**, Belo Horizonte: Nadyala, 2014. p. 13-37.

SILVA, Maria Aparecida. I Encontro Nacional de Mulheres Negras: o pensamento das feministas negras da década de 1980. In.: **O Movimento de Mulheres Negras: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil**, Belo Horizonte: Nadyala, 2014. p. 67-90

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Trad. Wagner de Oliveira Brandão; Rev. Lonardo Avritzer. 11 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

VANDRESEN, Daniel Salésio. Uma análise do discurso e do não-discurso na arqueologia de Michel Foucault. **Revista Aurora**, v. 7, n. 2. p. 79-92. jan-jun. 2014. Disponível em:

<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/3852>.

Acesso em: 12 fev. 2019.

VAUGHAN, Patrícia Anne. **A imagem americana de beleza física e as mudanças provocadas pelo “Black Power” na década de 60**. Disponível em: <http://oaji.net/articles/2017/6266-1535723250.pdf>, 2000. Acesso em: 5 jan. 2018.

VOSS, Jefferson; NAVARRO, Pedro. **A noção de enunciado reitor de Michel Foucault e a análise de objetos discursivos midiáticos**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v13n1/a05v13n1.pdf> 2013. Acesso em: 10 out. 2018.